

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS UNI-ANHANGUERA**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E**  
**PROPAGANDA**

**FOTOLIVRO:**  
**RETRATOS DE FRAGMENTOS E MEMÓRIAS**

**ALINE RIBEIRO MAIA**  
**ANA RAQUEL DOS SANTOS**

**GOIÂNIA**  
**Junho/2019**

**ALINE RIBEIRO MAIA  
ANA RAQUEL DOS SANTOS**

**FOTOLIVRO:  
RETRATOS DE FRAGMENTOS E MEMÓRIAS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA, sob orientação da Professora Mestre Luciana Miranda, como requisito parcial para obtenção do bacharelado em Comunicação Social – Habitação em Publicidade e Propaganda.

GOIÂNIA  
Junho/2019

Dedicamos este trabalho a todas as senhoras da  
terceira idade e toda sua representatividade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente uma à outra, pelas infindáveis tentativas de produzir um bom trabalho, driblando as dificuldades de conciliar os quatro anos de trabalho com o curso, no qual nos orgulharemos por toda a vida, terminando essa graduação com a sensação de dever cumprido e objetivos alcançados. Nossos agradecimentos também aos nossos familiares e mestres acadêmicos pelos ensinamentos e a confiança de que podemos sempre ir mais além. Nada seria possível sem a nossa persistência e fé de um futuro melhor, sem a base sólida construída pela nossa família e a ajuda significativa dos nossos educadores. Gratidão a todos.

## **RESUMO**

Algo que se tornou essencial nos últimos anos é falar sobre envelhecimento, em uma sociedade onde o índice é cada vez maior, o assunto se torna cada vez mais importante de ser falado. A ideia principal do trabalho é retratar de forma clara os fragmentos e as memórias que acompanham gerações, mostrando que através da fotografia nós também conseguimos contar histórias, e entender cada traço no rosto do próximo, apresentando um lado da fotografia que muitas vezes é deixado de lado, como a delicadeza do olhar no retrato quando ele está sendo analisado. Selecionamos mulheres inspiradoras para agregar ensinamentos aos leitores do nosso trabalho, muito mais que conhecimento educacional, mas também emocional, quebrando barreiras, como a do preconceito sobre a fragilidade que essa fase da vida tende a enfrentar. Os detalhes e conhecimentos da fotografia também serão apresentados, juntamente com as técnicas utilizadas para que o fotolivro fosse produzido de acordo com o propósito do trabalho. Além da responsabilidade de retratar histórias e lembrar do papel de cada ser humano para com o próximo e de sua responsabilidade com os mesmos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terceira Idade, Mulheres, Discussão, Fotolivro, Memória.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                  |    |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Gráfico de distribuição da População IBGE 2010                         | 14 |
| Figura 2. Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833)                                    | 19 |
| Figura 3. "View from the Window at Le Gras" A Primeira Fotografia, NIÉPCE, 1826  | 20 |
| Figura 4. Luis Jacques Mandé Daguerre (1799-1851)                                | 20 |
| Figura 5. Foto demonstrando como o Psing Stands (suporte de poses) era utilizado | 22 |
| Figura 6. Retrato de Justiniano José de Barros, Carte de Visite, 1865            | 23 |
| Figura 7. "Família" - Lasar Segal Pintor lituano-brasileiro (1891-1957)          | 25 |
| Figura 8. James Clerk Maxwell (1831-1879)                                        | 27 |
| Figura 9. Primeira fotografia colorida, James Clerk Maxwell (1861                | 28 |
| Figura 10. Fotografia Ilustrativa do Plano Aberto                                | 30 |
| Figura 11. Fotografia Ilustrativa do Plano Médio                                 | 30 |
| Figura 12. Fotografia Ilustrativa do Plano Fechado -                             | 31 |
| Figura 13. Fotografia Ilustrativa do Plano Detalhe                               | 31 |
| Figura 14. Fotografia Ilustrativa do Plano Americano                             | 32 |
| Figura 15. Fotografia Ilustrativa do Ângulo Plongée                              | 32 |
| Figura 16. Fotografia Ilustrativa do Ângulo Contra-Plongée                       | 32 |
| Figura 17. Fotografia demonstrativa da regra dos terços                          | 33 |
| Figura 18. Retrato de Lee Jeffries                                               | 34 |
| Figura 19. Capa da revista Wired Stephen HawkingWired                            | 35 |
| Figura 20. Fotografia do Making of do ensaio fotográfico                         | 40 |
| Figura 21. Leda de Souza Maia                                                    | 41 |

## SUMÁRIO

|                                                                                 |             |
|---------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                               | <b>8 1.</b> |
| <b>ANTROPOLOGIA</b>                                                             | <b>10</b>   |
| <b>1.1 Mulher da Terceira Idade</b>                                             | <b>11</b>   |
| <br>                                                                            |             |
| <b>2. A FOTOGRAFIA</b>                                                          | <b>19</b>   |
| <b>2.1 A Técnica do Retrato pela História da Fotografia</b>                     | <b>21</b>   |
| <b>2.1.1 A Essência da Técnica do Retrato Hoje, no Século XXI</b>               | <b>24</b>   |
| <b>2.2 A Construção da Memória na Fotografia</b>                                | <b>24</b>   |
| <b>2.3 O Retrato como Condutor de Significados</b>                              | <b>26</b>   |
| <b>2.4 Um Breve Percorso da Fotografia Preto e Branco à Fotografia Colorida</b> | <b>27</b>   |
| <b>2.5 Iluminação</b>                                                           | <b>28</b>   |
| <b>2.6 A Pose</b>                                                               | <b>29</b>   |
| <b>2.7 Enquadramentos e Planos</b>                                              | <b>30</b>   |
| <b>2.8 Inspiração Estética Visuais – Referências Imagéticas</b>                 | <b>33</b>   |
| <b>2.9 O Fotolivro</b>                                                          | <b>35</b>   |
| <br>                                                                            |             |
| <b>3. O PRODUTO: FOTOLIVRO – RETRATOS DE FRAGMENTOS E MEMÓRIAS</b>              | <b>38</b>   |
| <b>3.1 Pré Produção – O Ponto de Partida</b>                                    | <b>38</b>   |
| <b>3.2 Produção – os Ensaios Fotográficos</b>                                   | <b>39</b>   |
| <b>3.3 Pós-Produção – Edição das Fotografias</b>                                | <b>40</b>   |
| <b>3.3.1. Layout e Montagem do Fotolivro</b>                                    | <b>41</b>   |
| <br>                                                                            |             |
| <b>CONCLUSÃO</b>                                                                | <b>55</b>   |
| <br>                                                                            |             |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICOS</b>                                               | <b>56</b>   |
| <br>                                                                            |             |
| <b>APÊNDICE</b>                                                                 | <b>58</b>   |

## INTRODUÇÃO

Iniciamos aqui um sonho. Sonho este que desde há alguns semestres viemos nos preparando para a finalização do curso de Publicidade e Propaganda. Permeamos pelas disciplinas que estudamos durante esses anos e, nos identificamos muito com a de Fotografia. Pois, o ato fotográfico não é apenas apertar o botão disparador da câmera. Ela vai muito além disso. Ela trabalha com a impressão subjetiva do fotógrafo na imagem para que ele passe sua mensagem utilizando esse meio como um transmissor. Sim, a fotografia tem um grande poder de transmitir mensagens, mostrar além da bidimensionalidade do papel, algo que vai além: ela comunica.

Este nosso trabalho resultará em um produto prático: um fotolivro com mulheres da terceira idade como intermediadoras da subjetividade de fragmentos e memórias. Visto que em nossa era, os idosos estão tomando cada vez mais força e posicionamento sobre a sociedade com suas opiniões e pró atividades ao utilizarem as novas tecnologias como as redes sociais, por exemplo. É essencial que se entenda um pouco sobre a antropologia e a importância dessa faixa etária para o nosso desenvolvimento fluir neste trabalho. E, para isso no primeiro capítulo abordaremos sobre o nosso objeto de estudo: as mulheres da terceira idade. Iremos colocar alguns caminhos que serviram de amparos com alguns autores como: Peter Laslett, Ana M. Carvato, Alice Derntl, Maria Latorre, Maria F. N. Marucci, Papaléo Netto, Joffre Dumazedier e Pont Geis para que pudessem nos guiar dentro de um raciocínio lógico e linear.

Carregamos em nós uma bagagem cultural particular e subjetiva sobre tudo que lemos, observamos e aprendemos ao longo da vida. E, muitas vezes, nos esquecemos de onde viemos e quais os motivos e histórias que resultaram a ser quem somos. Pesquisas mostram que 80% da população da terceira idade se sentem isoladas ou de certo modo esquecidas. Diante disso, nos deparamos com uma de nossas inquietações que é: como podemos usar a fotografia para retratar as memórias fragmentadas e histórias dessas mulheres da terceira idade para diminuir esses sentimentos de isolamento delas?

Já no capítulo 2 iremos mostrar visões preciosas dos autores: Boris Kossoy, Rosane Andrade, Domingues Grangeiro, Ivan Lima, Martine Joly, Ansel Adams, Roland Barthes e André Rouillé para falarmos um pouco mais sobre as teorias técnicas da fotografia retrato. Esses estudos são extremamente importantes para a realização do produto final, o fotolivro, que será abordado no capítulo 3.

O ensaio fotográfico com mulheres da terceira idade contribuirá para um aprendizado amplo sobre como tentar transmitir as memórias adquiridas por essas senhoras através de

imagens a serem produzidas por nós. Uma de nossas referências para o ensaio fotográfico é o fotógrafo Lee Jeffries. Como inspiração nos trabalhos deles tentaremos captar a essência da pessoa a ser fotografada sem invadir sua privacidade e respeitando-a integralmente. Para isso, é fundamental lembrar que na frente das câmeras existem mulheres com uma grande carga emocional, que estarão diante de nós abertas para essa experiência imagética.

Voltando para o lado conceitual sobre a fotografia, fato é que, ela pode ser absorvida de várias maneiras e sentimentos. E é possível que se tenha muitas interpretações sobre um mesmo retrato. Muito mais que registros, a fotografia tem o poder de congelar momentos e sentimentos, e é isso também que tentaremos expressar através de nossas fotografias.

Não restringimos esse trabalho a um único objetivo, mas sim um conjunto deles, pois estamos lidando com emoções, e essas são subjetivas, pessoais e atemporais. Portanto, queremos trazer reflexões através das fotografias que as histórias e as memórias particulares dessas mulheres, que estão na terceira idade, podem transmitindo através de seus olhares, poses, expressões nos retratos. Logo, o espectador diante do nosso trabalho imagético pode vir a se indagar como pode ter sido a história de vida dessa ou daquela pessoa fotografada e, quais são seus fragmentos impregnados. E, claro, também queremos aguçar o lado sensível de cada pessoa que irá olhar, observar e sentir ao passar cada página do nosso fotolivro como se fosse um álbum de família, como se aquelas senhoras lembrassem algum ente querido. Tentar trazer sensações e lembranças subjetivas ao retratar essas mulheres poderá ser uma experiência única para o público. Pois eclodir as essências de um passado marcado por cicatrizes, sorrisos, olhares, tristezas, vivências e identidades dessas senhoras impressas subjetivamente nas fotografias vai depender da sensibilidade de quem as veem.

## 1. ANTROPOLOGIA

A antropologia tem como principal fundamento estudar os seres humanos no seu todo, seus comportamentos, suas culturas e sua vida social, por isso, partindo do princípio de que a mesma estuda com muita precisão e profundidade, descrevendo vidas de forma detalhada, trouxemos o olhar mais sensível ao ser humano para esse trabalho. Estudamos a fundo o envelhecimento pelas palavras de quem o vive, além disso, trouxemos o lado que muitas vezes é esquecido com o passar dos anos através do retrato em nosso fotolivro, onde podemos dividir com o próximo o prazer de estudar o ser humano em sua última etapa da vida.

Entender ao nosso redor é algo primordial para uma sociedade, isso a antropologia consegue nos trazer por meio de seus estudos, estudando de forma precisa e mais detalhada possível as pessoas, onde elas estão, quando estão e por que estão, de forma mais sucinta a frase anterior, ela nos norteia a entender as pessoas que desejamos. E foi exatamente isso que resolvemos trazer aqui, o estudo de pessoas com diferentes culturas, fragmentos e memórias, pessoas com uma carga de valores tão alta que nos inspiraram mais ainda nesse estudo, nos inspiraram partindo do princípio antropológico a lembrar do quanto é bom retratar e estudar os seres humanos.

As diferenças entre os indivíduos que são membros de diferentes culturas, a exemplo das diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças de condicionamento, em particular durante a primeira infância [...] (Mead, 2000, p. 269).

E se nesse mundo não parássemos nem sequer um minuto para olhar o próximo ao nosso redor? E se todos fossem tão cheios de si que não parassem para compreender as diferenças que nos fazem tão diferentes? Para isso agradecemos a antropologia e a etnologia, alguns dos tipos de estudos que comparam as culturas existentes e são alguns dos métodos derivados da antropologia. São esses estudos de campo que nos inspiraram de forma mais clara e detalhada a escolher a mulher da terceira idade como ferramenta de estudo, esse campo delimitado que queremos trazer para vocês, para que com um olhar tão humano quanto o nosso, vocês possam aproveitar para conhecer as histórias das pessoas na qual trazemos aqui. Um grupo de mulheres vivadas e ricas em experiências, com fragmentos e memórias únicas. “Um grupo (...) é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto [de amor] no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego” (Freud, 1969, p. 147).

A antropologia tem como principal fundamento observar e analisar cada ser humano presente no mundo, delimitando suas culturas, seu ciclo social, o comportamento de cada povo e uma análise final sobre o que cada ser representa e é para a sociedade. É a partir dela que podemos nos torna mais humanos e compreensivos, pois aquilo que se é analisado e estudado é de maior compreensão que o desconhecido, entender cada nicho da sociedade faz com que a aceitação seja de certo modo mais simplificado.

### **1.1 Mulher da Terceira Idade**

Em nosso projeto de conclusão do curso de Publicidade e Propaganda teremos como objeto de estudo a mulher na terceira idade. Escolhemos essa persona, pois é repleta de uma bagagem cultural riquíssima, além dos momentos vividos que preenchem histórias de vida que proporcionam muitos fragmentos como marcas e memórias pessoais. Através da fotografia podemos trabalhar um olhar mais sensível sobre cada senhora a ser fotografada para o nosso produto final.

O ponto de partida é entendermos sobre esse momento da vida humana na terceira idade. Entender tudo que essa nova fase pode trazer é fundamental o conhecimento geral sobre o objeto de estudo. Para isso, precisamos voltar no tempo, no século XIX na França, exatamente, e ver o que a velhice significava em uma época tão rica em construção de teorias antropológicas. E Paiva (2011) diz que:

A velhice era definida em função da participação ou não de pessoas mais velhas no sistema de produção. Era a classe social que definia as expressões usadas para definir as pessoas acima de 60 anos: designava-se “velho” (vieux) ou “velhote” (vieillard) àquele indivíduo que não detinha estatuto social, e chamava-se de “idosos” (persone âgée) aqueles que possuíam uma condição social e financeira favorável. (PAIVA, 2011, p.24-25)

Além da velhice, Laslett (1987) também nos mostra a expressão “terceira idade” como forma de tratamento com pessoas mais velhas, e que esta teve origem na França no ano de 1970. Para ele, essa invenção da terceira idade era uma forma de indicação de uma experiência inusitada sobre o envelhecimento, no qual a compreensão não poderia ser reduzida aos indicadores de prolongamento de vida nas sociedades modernas.

Já nos tempos atuais, a expectativa de vida da população aumentou e vem se tornando mais velha por mais anos em vida. Para complementar essa linha de raciocínio, Cervato, Derntl, Latorre & Marucci (2005, p.57) ainda complementa que “no Brasil, assim como em diversos países em desenvolvimento, o aumento da população idosa vem ocorrendo de forma muito rápida e progressiva, sem a correspondente modificação nas condições de vida”. Essas questões abrangem uma grande gama de fatores econômicos, culturais e sociais, que trazem até o atual

momento a ideologia da fragilidade na terceira idade em relação aos novos tempos. Principalmente os fatores sociais que vêm influenciando ainda mais as pessoas da terceira idade, pois afetam de forma direta suas teorias sobre a vida e sobre o certo e o errado dos tempos modernos. A colunista Eliane Brum relatou em sua matéria “Me Chamem de Velha” para a revista Época, que uma dificuldade que os idosos possuem é a adaptação ao novo meio de convívio, como o exemplo clássico dos filhos que levam seus pais para eventos de seus próprios meios, não levando em conta que o ambiente, as pessoas e até mesmo a música não são de seu total agrado. Tentar entender que os idosos, ao envelhecer, não podem perder sua identidade e preferências, que seu ciclo de convívio pode ser fundamental para eles, uma turma da mesma faixa etária pode sim garantir boas risadas e discussões proveitosas.

A velhice não deve ser um fator tão fácil de ser assumida, deve levar tempo para alguns e para outros a aceitação deve ser mais fácil. Nota-se aqui que colocamos como “deve ser... deve levar...”, pois tratamos de pessoas e cada um tem a sua forma de lidar com os obstáculos da vida e tudo depende do modo como é conduzida a situação. Por isso, esse trabalho tem também como intuito dar voz e compreensão para essa nova etapa e ajudar os possíveis leitores do mesmo a entenderem mais seus entes queridos.

Para a jornalista Eliane Brum, colunista da revista Época, no texto “Me chamem de velha” (2012) ela critica a substituição da palavra “velha” por “idosa” e diz que: “A velhice nos lembra da proximidade do fim, portanto acharam por bem eliminá-la. Numa sociedade em que a juventude não é uma fase de vida, mas um valor, envelhecer é perder valor”. Nessa mesma referência textual há uma abordagem interessante que gera uma reflexão sobre o atual contexto da palavra “velho” e “velha”. Para ela, a simplificação dessas palavras se dá pelo seguinte raciocínio da domesticação da palavra na língua portuguesa, “domesticação que já se dá lugar destinado a eles numa sociedade em que, como disse alguém, ‘nasce-se adolescente e morre-se adolescente’ mesmo que com 1990 anos”.

O tabu do envelhecimento e as concepções que adquirimos ao longo da vida nos moldaram a pensar que existem outros discursos que são pré-concebidos como: a perda das capacidades físicas e o sofrimento com o abandono, além de uma possível saudade da juventude e tudo que nela foi vivido, pois sempre está presente a seguinte expressão em frases aleatórias de algumas pessoas idosas: “no meu tempo...”. Somando ainda as fragilidades dos seus corpos que deixam ainda mais debilitado o seu psicológico por não conseguirem mais fazer certas coisas e pode ocorrer um agravante: problemas emocionais em relação a isso. Analisando o conceito abordado por Papaléo Netto, conseguimos perceber a imagem que temos do envelhecimento (2002, p.10):

O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados. [...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. (PAPALÉO NETTO, 1996, p.2-12).

Na contemporaneidade esse conceito se modifica a cada dia. Como a expectativa de vida está cada vez maior, em consequência, logo teremos uma população ainda maior acima dos 60 anos. Sim, “o mundo está envelhecendo”! O que reflete no olhar da sociedade a relação das capacidades desses indivíduos que buscam, a cada dia, o envelhecimento com qualidade de vida relacionado ao bem-estar, vem atribuindo através desse desejo um novo lugar na sociedade, um novo modo de pensar e agir. Apesar de serem atingidos de forma mais direta com a mudança de pensamentos e conhecendo mais abertamente uma sociedade que não era notada aos olhos em sua época, gostam da liberdade de expressão que o século XXI foi capaz de trazer, do liberalismo e de como essas pessoas na terceira idade possuem voz atualmente. Sendo que em outras épocas, essas pessoas guardavam para si suas vontades de se manifestarem.

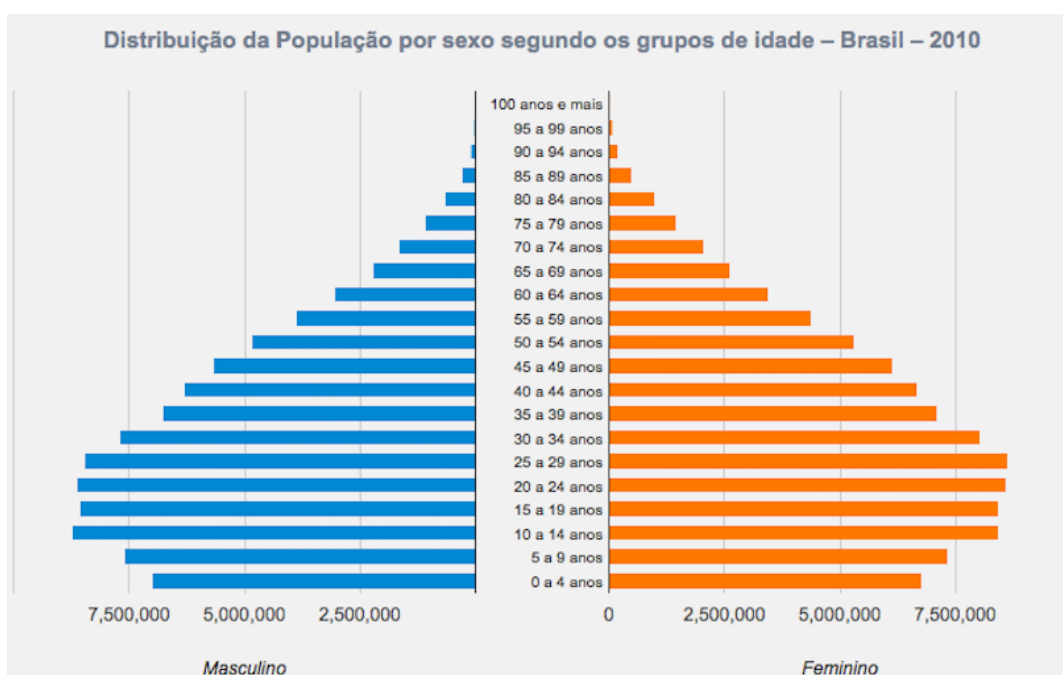
O velho, enquanto categoria social, nunca interveio no percurso do mundo. Enquanto conserva uma eficácia, ele permanece integrado à coletividade e não se distingue dela: é um adulto macho de idade avançada. Quando perde suas capacidades, aparece como ‘outro’ (...) ele não serve para nada: nem valor produtor, não passa de uma carga. (...) Os velhos não têm arma nenhuma, e seu problema é estritamente um problema de adultos ativos. Eles decidem de acordo com seu próprio interesse, prático e ideológico, sobre o papel que convém conferir aos anciãos. (BEAUVOIR, 1970. p.102).

O perfil dos novos idosos desconstrói toda imagem do(a) velhinho(a), que fica em casa fazendo crochê e jogando dominó. Agora, eles são ativos e conectados aos avanços tecnológicos. E, atualmente, a inclusão proporciona fazer parte de grupos sociais, onde continuam a se sentirem úteis e valorizados. Os idosos de hoje não são os mesmo de anos atrás, pois eles estão em busca do seu lugar na sociedade e do reconhecimento de suas lutas e ideais. Mas, ainda permanece, para alguns, uma barreira de aceitação da velhice em relação ao seu próprio “eu” no aqui/agora e Beauvoir (1990, p.148) nos esclarece que “a velhice é particularmente difícil de assumir, porque a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra pessoa, enquanto permaneço eu mesma?”. O que nos fez refletir sobre a capacidade de aceitação de cada um.

Outro ponto importantíssimo é que, grande parte dos idosos estão vivenciando a evolução do tempo e das coisas, isso torna a vida deles ainda mais prazerosas motivando o avanço da sua qualidade de vida e presenciando o crescimento de sua família. Fato é que a

tecnologia com toda certeza trouxe ainda mais voz para aqueles que desejam se expressar e se sentirem atualizados com o que acontece em sua vida e ao seu redor, trazendo mais proximidade e informação para aqueles que precisam disso como forma de motivação.

É possível notar na pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para avaliar a distribuição da população por sexo segundo os grupos de idade do Brasil, feita em 2010, mostra que nos próximos anos o aumento de idosos será consideravelmente alto, e será que a população e os futuros jovens estão prontos para essa adaptação? A resposta ainda não pode ser precisa, mas nota-se que hoje os idosos também têm mais voz ativa em suas decisões, e não aceitam mais que tomem decisões por eles. Eles sabem o que querem, como querem, e a tendência é que com o crescimento desse gráfico, com o passar dos anos, isso seja um fato real. Os idosos poderão ter um maior índice de aceitação em um ambiente social, pois os estímulos poderão ser mais insistentes na manutenção de sua “juventude”.



**Figura 1:** Gráfico IBGE (2010)

Fonte: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>

Voltamos agora para o nosso objeto de estudo: as mulheres da terceira idade. Para uma boa parte dessas mulheres nessa faixa etária, está na fase da vida que, para muitas, ainda é temida. A beleza que possuíam na juventude é modificada ao passar dos anos e, agora, elas carregam em sua pele marcas e cicatrizes de suas histórias. Como visto no gráfico acima, o índice de mulheres que vivem mais é mais alto que comparado com o dos homens, essa grande parcela da sociedade jovem fará parte em breve dessa população mais velha.

Aos olhos de muitos, os sinais na pele dessas mulheres da terceira idade podem

representar apenas rugas e até trazer medo sobre a tão temida velhice, porém, elas representam toda a história vivida. É como se em cada linha marcada em sua pele remetesse a um dia específico da sua trajetória de vida. Por isso, a ideia principal do nosso fotolivro é retratar através da fotografia as emoções, as dores e as cicatrizes que a vida deixou em cada uma das mulheres que serão retratadas por nós. Uma contribuição interessante que Paiva (2011, p.12) nos coloca em seus escritos que o sentido de envelhecer vai muito além, onde “as rugas, os cabelos brancos, o corpo mudado, as formas de ser e de estar no mundo, o uso da sabedoria. Assim se aproxima a velhice, pouco a pouco, silenciosa e branda. Marcas denunciadas pelo espelho, espelhos externos e internos”.

As fotografias na estante e as fotos em família são capazes de retratar uma história com muitas narrativas e trazer a lembrança de momentos importantes da vida de quem as vê. Além disso, trazem uma carga emocional grande e eterna, em cada momento que se é visto, traços e expressões trazem uma emoção visual e assimilação de outras pessoas com a fotografia.

Diante do que foi exposto até aqui, a verdade é que devemos sempre carregar conosco uma reflexão, quais fragmentos que essas mulheres carregam consigo como marcas positivas ou negativas e, quais memórias elas podem nos proporcionar, mesmo não as conhecendo? Sendo assim, fizemos uma seleção de algumas mulheres dentro da terceira idade, que serão nossas personas nos ensaios fotográficos para o fotolivro. E, a seguir convidamos você a conhecer um pouco da história de cada uma delas em sinopses breves.

## **1.2 Guerreiras da Terceira Idade: Fragmentos e Memórias em Relatos.**

Para o desenvolvimento do fotolivro buscamos modelos da terceira idade que acentuam a ideia defendida anteriormente sobre tudo que desejamos retratar neste trabalho. Decidimos trazer mulheres que tenham uma bagagem grandiosa para serem apresentadas imagneticamente, e histórias que acrescentam à vida daqueles que estão apreciando o trabalho, pois através da fotografia é possível contar histórias, instigar significações e, até mesmo é possível decifrar pessoas através delas.

Reforçando a mensagem que a fotografia passa através de um olhar sensível, é essencial que ela seja realmente contada como de fato é e, por isso, decidimos reforçar no corpo teórico uma pequena sinopse sobre cada mulher fotografada por nós. Contando de forma clara e respeitosa as diferenças entre elas, e tendo uma visão ampla e geral sobre como é cada uma. A seguir, as guerreiras da terceira idade selecionadas para compor o conteúdo visual do nosso fotolivro:

A nossa primeira modelo se chama Leda de Souza Maia, de 85 anos, mãe de 3 filhos é uma mulher viúva. Leda é uma boa representação dos fragmentos da memória, ela foi criada na cidade de Pontalina no estado de Goiás, pelos os seus pais e mais 9 irmãos. Sempre foi uma mulher séria, de poucas palavras, mas com um olhar doce em sua juventude. De uma família simples e muito afetuosa, Leda se casou muito nova e teve 3 filhos. Morou muito tempo na fazenda e, apesar da boa vida financeira tornou-se uma mulher ainda mais calada e triste, ferida emocionalmente por um companheiro de difícil convivência que transformou seu olhar doce em um olhar distante. Hoje, carrega em si as marcas de uma vida que não arrancou sorrisos fáceis e a dor na alma de um sofrimento de 50 anos de casamento.

Em seguida, Irany Ribeiro da Silva tem 75 anos, possui 1 filha e é divorciada. Irany é mulher muito diferente dos padrões sociais desde sua juventude. Independente e muito esforçada, ela criou sozinha sua única filha. Ainda hoje, Irany carrega consigo uma alma jovem e leve. Ela realmente é uma inspiração para pessoas idosas que sonham em voar após dos 60 anos. A televisão, o aparelho celular e as duas cadelas Frida e Amora ajudaram Irany a parar de fumar após 45 anos de vício. Ela diz que está aberta para relacionamentos, pois o que move a vida são as novas experiências que cada etapa da vida pode proporcionar.

Trazendo um pouco de romance para o nosso trabalho, nossa terceira modelo Eva viveu uma linda história de amor à partir dos 15 anos de idade, e hoje, com 79 anos ainda ama o marido que faleceu há doze anos. Eles viveram um romance de muito respeito, afetividade e deram fruto à uma única filha. Sua principal mensagem sobre a vida é a motivação que o amor pode causar entre os seres reforçando a importância do respeito mútuo. Já moveu montanhas através da oração, dona de uma fé inabalável, possui um olhar sereno de quem tem muito a ensinar.

Ivomerce casou-se aos 16 anos. Na juventude tinha cabelos compridos e lisos, e era o que mais gostava em si na sua adolescência. Sempre foi uma pessoa muito sonhadora e alegre. É fácil perceber sua alegria, pois transborda com facilidade através de seu sorriso. Mas, como nem tudo são flores, Ivomerce apesar de muito sorrir já teve uma inimiga chamada depressão, que às vezes começa a dar sinais, mas que imediatamente é tratada. Apesar das batalhas cotidianas e da vida de mãe de 3 filhos, ela sempre buscou sua independência e sua identidade. Consultora da Natura há mais de 12 anos, ela comprou seu próprio carro. E, com a força e vontade de ser feliz, muitas vezes ela ultrapassou barreiras e não deixou em momento nenhum que se escondesse o sorriso e a vontade de viver.

Dona Martha é uma inspiração no quesito moda: muito bem vestida e com acessórios de impressionar muita garotinha por aí. Mas, muito mais que isso, ela foi uma inspiração para

a realização deste trabalho de esforços e estudos constantes. Hoje, aos 77 anos tem uma carreira sólida no serviço público, e ainda trabalha na Secretaria da Educação. De 4 em 4 anos ela sente prazer em trabalhar para a campanha de deputado federal do Estado de Goiás de seu filho Armando Virgílio. O seu maior motivo de orgulho sempre foi o seu ofício profissional e, acima de tudo se sentir útil. E é isso que a motiva a viver. Mãe de 4 filhos, Martha mora sozinha em seu apartamento e gosta assim, mas não dispensa os cuidados dos netos para as idas aos médicos ou levar o carro dela para a revisão. E, claro, lotar a casa com os 9 bisnetos aos finais de semana. Ah, sem contar que além disso tudo, ela adora molhar os pés na água salgada do mar.

Histórias de superação também fazem parte do crescimento entre as pessoas, tanto as que vivem a própria história quanto as que escutam relatos e se inspiram. Maria Isabel com 67 anos é uma história de superação. Com um pai rígido que não desejava filhos do sexo feminino, era tratada com muito desprezo. Se casou aos 20 anos e era completamente apaixonada pelo seu marido. Mas, as traições dele eram contínuas, muitas vezes eram as amantes que iam buscá-lo em sua própria casa, trazendo muita humilhação para vida de Maria. Eles tiveram 2 filhos e ela foi abandonada pelo seu marido na gestação do segundo, fazendo com que ela trabalhasse durante toda a gravidez na cozinha de um bar para sustentar seus filhos. Após tanta luta, Maria Isabel teve que voltar para a casa dos seus pais, passou a morar no lote, dividindo o mesmo quintal. Então foi aí que ela e seus filhos começaram a ser maltratados e humilhados, e como se não bastasse, era obrigada a escutar que seu ex-marido espalhava para a vizinhança, que os filhos dela não eram dele. Algum tempo depois, Maria Isabel teve sua recompensa: conheceu um homem que mudou sua história, se casou novamente e foi muito feliz com o amor da sua vida. Ele amou não só a ela, mas aos seus dois filhos até o dia da sua morte, há 16 anos.

Dona Élide nasceu em Monte Alegre, uma cidadezinha pacata no triângulo Mineiro. Uma frase que arranca sorrisos dela é quando fala: “foi uma infância boa demais da conta!”. Tem 8 irmãos: 4 mulheres e 4 homens. Ela teve uma vida simples, e é grata pela sua história de uma vida feliz na fazenda, onde brincava e ria muito com os seus irmãos que quase nunca brigavam. Élide e seus família se mudaram para Goiânia para terem a oportunidade de estudar. Seus pais eram sua maior inspiração, pois nunca presenciou nenhuma briga deles. Grata por cada etapa de vida, seja na infância, na adolescência ou na fase adulta, Élide deixa claro que não tem nada do que reclamar, e sim agradecer. É mãe de 3 filhos, e tem um casamento feliz com um homem que sempre se esforçou para dar o melhor para sua casa. Ela ainda o ama como no primeiro dia em que se conheceram. Hoje, aos 74 anos, seu hobby é ajudar na assistência social. Uma pessoa iluminada!

Uma história marcante também fez parte do nossa fotolivro, Dolores cativa a todos por onde passa com seu jeito “sapeco”. Ela sempre foi muito esforçada: estudou e trabalhou muito para criar seus filhos. É a matriarca de uma família grande composta por 6 filhos, 18 netos, 14 bisnetos e 2 tataranetos. Sua maior riqueza é a família, eles são sua maior motivação para viver e ser feliz. O mesmo motivo que alegra é o que lhe traz dor, a perda de um filho que marcou a sua vida para sempre. Ele, aos 33 anos, pai de 4 de seus netos morreu em um acidente de carro, o que ainda é uma dor irreparável para ela, ela. Esse acontecimento lhe causa muita tristeza e um semblante e olhar extremamente machucados.

Quando o exemplo de mulher é citado, trazemos logo a Gislene que é um exemplo de mulher, e seu relato de vida pode ser um convite à reflexão: “quando chegamos ao anoitecer da vida, constatamos que somos a soma das alegrias e das tristezas suportadas. Tive uma infância alicerçada na simplicidade e repleta de ensinamentos que facilitaram compreender melhor a VIDA. De casamento, já são passados cinquenta e um anos vividos ao lado de um esposo amoroso, amigo, companheiro e um ser humano, na melhor acepção dessa palavra. É ele, Saul S. de Carvalho. Dessa união nasceram cinco filhos, três homens e duas mulheres o que resultou em 3 netos, 5 netas e uma bisneta encantadora. Sempre digo que sou uma pessoa abençoada, pois, fazendo uma reflexão sobre os anos já vividos, não encontro motivos que me prendam a uma amarga morbidez em meio a morte do filho, aos dezenove anos, nem mesmo a luta travada contra um câncer de mama. Resilientemente consegui perceber que viver não é armazenar sofrimento, mas sim, enxergar a felicidade nas pequenas alegrias diárias como a beleza do nascer do sol e a suavidade serena da luz do luar.”

## **2. A FOTOGRAFIA**

No início do século XIX, o mundo vivia o começo da Revolução Industrial, no qual vários cientistas e estudiosos se empenhavam em promover transformações: sociais, culturais e econômicas. Porém nenhuma delas seria tão influente para a história moderna quanto a fotografia. Ela marcou o início de uma nova forma de expressão artística e registro do presente (KOSSOY, 2001).

O primeiro registro visual feito por uma câmera fotográfica foi realizado pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, que após anos de estudo e de tentativas falhas, conseguiu finalmente desenvolver seu próprio método para registrar uma imagem. Ele utilizou um equipamento conhecido como “câmera escura” (instrumento utilizado por desenhistas para projetar uma pessoa, objetos ou paisagens em outra superfície, usando como rascunho para sua arte) e uma placa revestida com derivados de petróleo fotossensível capaz de obter uma imagem após uma longa exposição à luz. Com ela, ele conseguiu criar uma foto permanente.



**Figura 2:** Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833)  
Fonte: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2018).

Essa fotografia foi reconhecida como a precursora de todo processo revolucionário do âmbito do registro da imagem. A primeira fotografia, segundo os livros que contam a história da imagem fotográfica, foi registrada de uma das janelas da casa de Niépce. Essa imagem levou cerca de 8 horas de exposição solar para finalizar o processo de captura em uma placa com diâmetro de 16,2 cm x 20,2 cm revestida de betume da Judéia, um asfalto natural derivado do petróleo fotossensível. Nela é possível ver parte de sua propriedade, algumas construções e um telhado no centro do registro como mostra a imagem a seguir.



**Figura 3:** "View from the Window at Le Gras" A Primeira Fotografia, NIÉPCE, 1826.  
Fonte: MURALHA, Fátima (2018).

Apesar da grande descoberta, Niépce continuava estudando formas de aprimorar o seu método para conseguir uma imagem com maior qualidade. Foi então que em uma de suas viagens a Paris em busca de lentes melhores, ele conheceu o pintor e cenógrafo Louis Jacques Mandé Daguerre (1799-1851), que também se mostrava bastante interessado no processo de registro da imagem. Ele já utilizava o princípio da câmera escura em suas criações artísticas.



**Figura 4:** Luis Jacques Mandé Daguerre (1799-1851).  
Fonte: FOTOGRAFIA PARA TODOS, A invenção (2018).

Daguerre ficou sabendo das conquistas de Niépce e logo o convenceu a fazerem uma parceria para que trabalhassem juntos, assim foi firmado um contrato de 10 anos para futuras pesquisas juntos. Como Daguerre era muito persuasivo, ele conseguiria tornar a invenção

conhecida e comercialmente rentável, mas para isso eles precisavam aprimorar o método. Porém, Niépce morreria 4 anos após a assinatura do contrato sem nenhum progresso.

Mesmo após a morte de Niépce, Daguerre continuou com seus experimentos. Foi então que em 1835, dois anos após a morte de Niépce, finalmente ele teve seu primeiro êxito utilizando placa de prata tratada quimicamente. A diferença é que dessa vez ele a tirava da câmera antes da imagem ser revelada e a aquecia com mercúrio. Porém, ele publicou sua descoberta prematuramente, pois, a imagem obtida não era permanente, ou seja, ela desaparecia ao ficar exposta à luz.

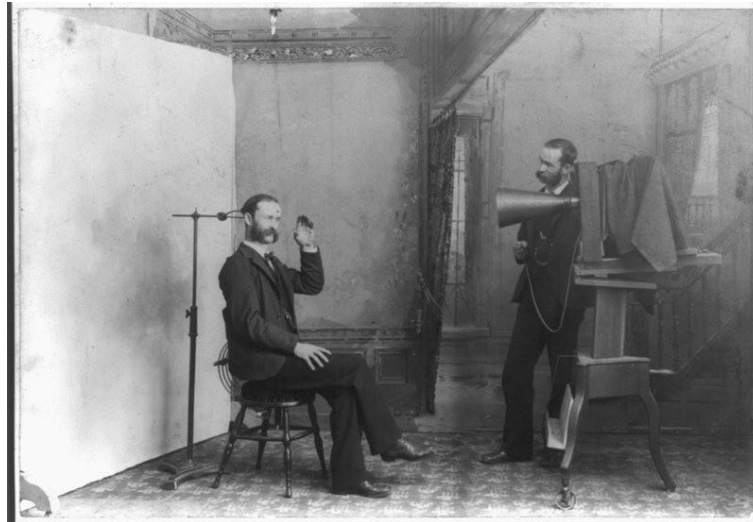
O sonho de fixar a imagem era algo almejado por vários estudiosos. Na história existem relatos que no mesmo período, outro nome se destacou por sua contribuição, o do escritor e cientista inglês William Henry Fox Talbot, que publicou um artigo em 1835, onde nele, ele relatava seu sucesso na captura da imagem negativa (o branco e o preto ficam invertidos: onde era branco ficava preto e onde era preto ficava branco) usando um papel coberto com cloreto de prata. Mas surpreendentemente Talbot não percebeu a magnitude da sua descoberta e abandonou suas pesquisas sobre a fotografia. Como o passar dos anos e a popularização da fotografia, percebemos que não se tratava apenas de registrar uma paisagem, pessoa ou objeto, mas sim de uma expressão artística e documental de extrema importância para história, pois com ela o homem pôde ter uma nova percepção do mundo, conhecendo visualmente aquilo que antes só era descrito.

Ao mesmo tempo, aqui no Brasil, Hercules Florence era um estudioso que utilizou o termo fotografia muito antes de Niepce e Daguerre, como consta em seu diário. Mas Florence não quis disputar com eles o nome de inventor da fotografia, pois ele achava que mais de uma pessoa, independentemente de onde vivem, podem pensar e inventar a mesma coisa ao mesmo tempo. Logo, o interesse de Florence era documentar a espécie da flora e fauna brasileira em seus diários de bordo da expedição de uma fragata que participará durante alguns anos com a finalidade do registro citado.

## **2.1 A Técnica do Retrato pela História da Fotografia**

Ainda permeado pelo século XIX, queremos deixar claro que desde muito antes da invenção da fotografia, as pessoas já tentavam eternizar suas aparências através das mãos talentosas de artistas nas pinturas e esculturas feitas com riquezas de detalhes. Estas por vez demoravam horas e até dias para ficarem finalmente prontas, fazendo com que se limitasse e não acompanhasse a rapidez dos acontecimentos. Portanto somente uma parcela desses acontecimentos e de pessoas teriam o privilégio de possuir tal obra.

O desejo que as pessoas tinham em serem fotografadas instigou a busca dos estudiosos por formas de aprimoramento dos equipamentos, pois com o daguerreótipo, poderia levar até 60 minutos para finalmente registrar uma imagem, o que por sua vez era tempo demais para uma pessoa ficar imóvel. Os fotógrafos utilizavam um equipamento chamado de *Posing Stands* (suporte de poses) que era usado para segurar a cabeça da pessoa retratada para ela não se mexer, evitando assim, uma fotografia borrada.



**Figura 5:** Foto demonstrando como o Posing Stands (suporte de poses) era utilizado.  
Fonte: LIBRARY OF CONGRESS (2018).

O público inicial, em sua maioria, eram membros de uma classe privilegiada ou ícones religiosos, essas pessoas se arrumavam com as suas melhores roupas para impor todo o seu poder. Elas ficavam longos períodos em uma só posição, para finalmente ter um registro fotográfico. E, com os avanços obtidos na fotografia, o registro fotográfico do retrato passou a ser mais acessível e popular, levando menos tempo para capturar uma imagem, cerca de 10 minutos, assim surgiram os primeiros interessados pela nova profissão, os retratistas. Eles foram os responsáveis pelo surgimento dos estúdios fotográficos que são descritos como locais fechados com boa luminosidade.

Há uma busca compulsiva por fazer-se retratar nos estúdios fotográficos e poder admirar a sua própria imagem, ocasionando uma democratização do retrato, em mais barato que pinturas a óleo, até então um privilégio da aristocracia e da burguesia. Nesse entremeio, alguns pintores medíocres transformam-se em fotógrafos retratistas e enriquecem com o novo modismo narcísico (ANDRADE, 2002, p. 34).

Na segunda metade do século XIX, devido à busca excessiva da população para um registro imagético próprio, surgiu um dos primeiros modismos da fotografia: os cartes de visite (cartões de visita) criada pelo francês André Disdéri. Nessa pequena obra o fotografado tinha sua imagem registrada 6 vezes repetidas de uma só vez, criando assim cópias pequenas com

dimensões de 9,5cm x 6 cm, que posteriormente eram coladas em cartão rígidos um pouco maiores. Essa técnica barateava ainda mais o custo da fotografia, beneficiando assim as classes menos favorecidas que usavam essas fotos para presentear os amigos e os familiares, dando início para outro comportamento que é comum ainda hoje, os álbuns de família.

Os fotógrafos nessa época começaram a montar cenários em seus estúdios e ter figurinos para dar um ar de “dignidade” a essas pessoas de baixo poder econômico nos *carte de visite*. Os clientes eram conduzidos a ficarem na posição correta, fazendo com que ele interpretasse muitas vezes um personagem que não condizia com sua realidade. Nessa época surgiu o *carte de visite* (cartão de visita), que foi um tipo de imagem fotográfica revolucionária que ajudou a impulsionar a fotografia por todo mundo, pois com ela as pessoas sentiam seus valores individuais valorizados.



**Figura 6:** Retrato de Justiniano José de Barros, Carte de Visite, 1865.  
Fonte: Acervo IMS (WANDERLEY, 2018).

No Brasil não foi diferente, vários profissionais de diversas regiões do mundo estavam no país disseminando a cultura de registrar as pessoas. A maioria dos retratistas do século XIX até a primeira metade do século XX eram estrangeiros. Mas, alguns brasileiros que foram de extrema importância para a disseminação da técnica do retrato aqui no Brasil, um exemplo de retratista nacional foi o Militão Augusto de Azevedo que até hoje é tido como referência da arte do retrato (KOSSOY, 1944).

### **2.1.1. A Essência da Técnica do Retrato Hoje, no Século XXI.**

Um dos grandes desafios do fotógrafo, hoje, nesse estilo de fotografia é retratar a essência do fotografado em apenas uma simples imagem, já que geralmente as pessoas chegam tímidas ao local onde serão fotografadas. Seja em um ambiente aberto ou em um estúdio, é muito importante a interação do fotógrafo com a pessoa a ser retratada para que gere confiança por parte dela, e facilite o trabalho do ato fotográfico. A missão do fotógrafo é repassar de forma mais profunda sua autoria, retratando o momento para que se obtenha um retrato perfeito.

É preciso que se pense em todos os detalhes, para que a imagem seja transmitida da maneira como se almeja. Desse modo, a técnica do retrato tem total influência em adaptar o cenário para a fotografia ideal, sendo necessário técnicas bem distribuídas para que tudo entre em sintonia. Diversas técnicas são utilizadas para que uma boa fotografia seja feita, de uma forma mais ampla, e a utilização de técnicas definirá o resultado final (GRANGEIRO,1998).

As técnicas fotográficas abrangem: a iluminação, o local, o ângulo para a essência da foto. É preciso que tenha objetivo sobre o retrato que se deseja tirar, e sendo assim, a mensagem tem maior chance de ser clara e chegar ao público como se deseja. Todas as técnicas são feitas e moldadas para o auxílio do retrato, para cada tipo existe uma técnica preestabelecida de aperfeiçoamento. De acordo com a evolução dos equipamentos fotográficos, as técnicas vão ficando ainda mais precisas e claras, desse modo, o fotógrafo consegue trabalhar de forma mais precisa sobre a mensagem que deseja passar com o seu retrato.

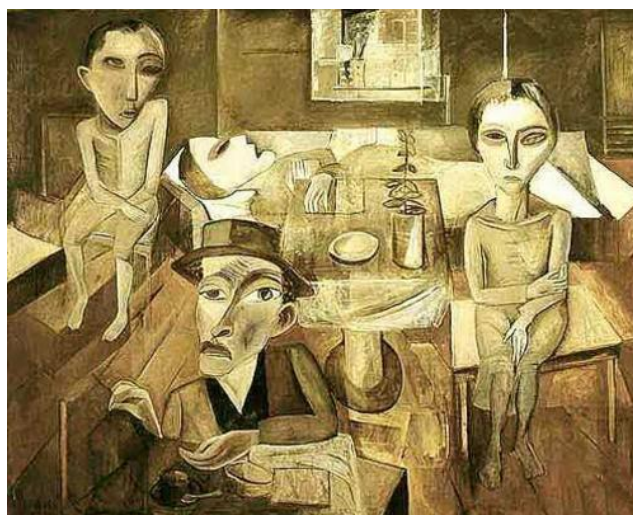
É evidente que existem outras técnicas da fotografia que são utilizadas após o retrato, que aqui chamamos de pós-produção. Ela ajuda a trazer maior realidade ao que se almeja na finalização das fotos. Para isso, contamos com os softwares de edições de fotos que são grandes parceiros na hora de inovar. Nessa pós-produção é possível mudar sombras, luzes e cores trazendo ainda mais realidade para a mensagem que deseja transmitir, inovando nas técnicas e aperfeiçoando os trabalhos fotográficos. Toda essa nova linguagem digital construída em cima das fotografias manipuladas aguça sentimentos em quem contempla as imagens fotográficas. Sentimentos esses que são despertados pela memória individual do espectador.

### **2.2. A Construção da Memória na Fotografia**

A fotografia é capaz de tornar as experiências únicas e memoráveis. Quando ocorre pelo lado afetivo, a imagem traz uma carga de lembrança a cada vez que se é contemplada, gerando memórias infinitas sobre determinada situação vivida ou sobre determinada pessoa, que ficaram para sempre registradas, quando o momento se materializa. Segundo Kossoy (1941, p.44) “a

partir do momento em que o processo se completa, a fotografia carregará em si aquele fragmento congelado da cena passada materializado iconograficamente”

Ao falar de memória na fotografia, não podemos deixar de falar um pouco sobre os álbuns de família. Pois eles contêm memórias e fases da vida intrínsecas nas imagens ali guardadas, e é o modo concreto de manter essas memórias vivas e presentes nos retratos. Muitas famílias têm costumes de em um determinado momento, em que elas estão reunidas com seus membros, ver seus álbuns de fotografias. Isso é muito importante para reviver essas memórias que contribuem para o repertório cultural de cada ser envolvido, sendo fotos feitas por profissionais ou não. Logo, as teorias que trazem explicações relacionadas às fotografias registradas de forma “amadora”, seja do dia a dia, ou de momentos que marcam a vida de alguém, são as que carregam maior carga emocional. E, não é só na fotografia que a família vem sendo registrada em forma de imagem, mas em outras formas de arte também, como a seguir na imagem de Lasar Segal.



**Figura 7:** "Família" - Lasar Segal Pintor lituano-brasileiro (1891-1957).  
Fonte: (MARTINS & IMBROISI, 2018).

Com o advento da fotografia, hoje, a foto digital permite que as pessoas possam registrar lembranças pessoais e acontecimentos a qualquer instante, como por exemplo, com os telefones celulares que são capazes de transmitir em tempo real o momento. Um exemplo claro disso são as redes sociais também, que são uma grande aliada quando o assunto é dividir memórias, pois fazem uma conexão com a fotografia digital e o modo de se compartilhá-la com as demais pessoas de seu interesse. Como vimos na atualidade, a fotografia digital e os meios de comunicação aproximam pessoas que estão distantes, compartilhando fotos e muito além disso, compartilhando momentos e se sentindo mais próximas umas das outras. E, ainda despertando sentimentos que levam a pensar a memória na fotografia.

Temos o hábito de registrar através de fotos tudo aquilo que julgamos ser importante para serem guardados nos dispositivos fotográficos como celulares, câmeras fotográficas, e até mesmo nos álbuns. Vale lembrar que cada memória é única, assim como cada fotografia. Um exemplo disso é que duas pessoas podem fotografar um mesmo objeto, pessoa ou paisagem. Fato é que essas duas fotos jamais serão idênticas, pois cada pessoa tem seu repertório cultural e modos de ver o que vai fotografar e cada um tem sua mensagem que vai transmitir através da foto. Por isso, cada fotografia traz uma grande carga emocional e de expectativa, pois nela se deposita momentos que tendem a ficar para sempre ali, trazendo lembranças e nos conduzindo aos significados.

### **2.3. O Retrato como Condutor de Significados**

O retrato pode estabelecer significados diferentes para cada pessoa, diversos sentimentos e sentidos. Ao receber a imagem como mensagem, cada indivíduo tem uma carga emocional e expectativa depositada sobre aquela fotografia. Assim como cada foto é analisada de uma maneira, cada retrato pode ter um significado diferente de acordo com o repertório cultural da pessoa. Muitas vezes olhamos para uma foto e pensamos o que mais poderia ter ali, um complemento do momento vivido ou da expectativa depositada sobre o retrato.

A Fotografia está sujeita a milhares de interpretações possíveis, devido a isso podemos dizer que ela é um objeto polissêmico e, para explicar melhor isso, Lima (1988, p.22) diz que “a leitura de uma imagem acontece em três etapas: percepção, identificação e interpretação”, e o motivo é que nessas imagens primeiramente o olho humano percebe as formas e tonalidades, e em seguida essa informação chega ao cérebro até esse momento que a leitura acontece para a identificação da percepção recebida. E, para finalizar, a interpretação é quando a individualidade do percebido vem à tona, e isso é bem particular de cada indivíduo, pois vai depender da bagagem cultural de cada um.

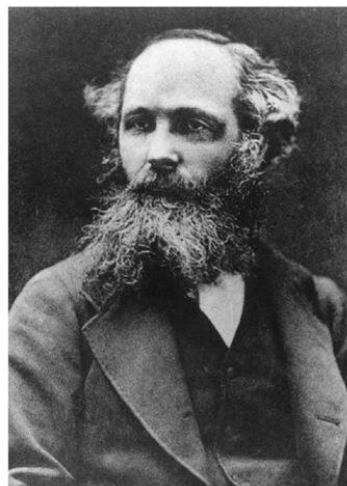
As análises das imagens propiciam um aumento dos sentidos e do senso crítico, a imagem não é naturalmente legível. Segundo Joly (1996, p.41), as pessoas confundem a percepção e a interpretação, pois não diferenciam o momento que reconhecem a fotografia e o que interpretam o que está exposto. A fotografia oculta muitos conteúdos interpretativos, pois o fotógrafo, ao registrar determinada pessoa ou o momento ocorrido, tenta apresentar naquela imagem o máximo de informações possíveis dos fatos que estão acontecendo no momento do registro fotográfico. Assim, as pessoas que não têm uma ligação direta com as pessoas fotografadas podem ter uma interpretação mais próxima possível do que foi vivenciado pelo fotógrafo.

## 2.4. Um Breve Percurso da Fotografia Preto e Branco à Fotografia Colorida

A fotografia preto e branco nasceu no início do século XIX e ficou conhecida popularmente como daguerreótipo, no ano de 1839. Este tipo de fotografia se sustenta por meio dos tons cinza, do preto, do branco e dos elementos da composição visual. As sombras são elementos muito importantes neste tipo de fotografia, pois se destacam nas riquezas de passagens das gradações tonais da escala de cinza. Pela ausência da cor, a foto P&B (preto e branco) concentra a atenção totalmente voltada para a composição dos elementos dentro do quadro. Além desse tipo de foto ser capaz de trazer uma carga emocional ainda maior, por poder evidenciar a dramaticidade dos fatos registrados.

Ao longo dos anos as técnicas fotográficas foram se aperfeiçoando, o surgimento da imagem colorida trouxe ainda mais realidade ao modo como os seres humanos enxergam os momentos vividos. Mas, a fotografia preto e branco ainda é uma opção muito usada atualmente, seja em fotos comerciais como festas de casamento, fotos documentais, fotos jornalísticas, fotos artísticas ou, até mesmo, fotos amadoras de acervos pessoais.

Com o passar do tempo, a incansável busca por aprimoramento das técnicas fotográficas fez com que o físico e matemático James Clerk Maxwell estudasse formas de capturar a imagem colorida. Para isso, ele analisou a percepção dos olhos humanos quanto às cores, e no decorrer em seus estudos, ele percebeu que haviam três cores básicas para a formação das outras.



**Figura 8:** James Clerk Maxwell (1831-1879)

Fonte: SÓ FÍSICA, Disponível em: <https://www.sofisica.com.br/conteudos/Biografias/Maxwell.php>

Os fotógrafos já tentavam colorir e retocar as imagens manualmente com grafite, tintas entre outros materiais, mas elas não proporcionavam o acabamento desejado, o que fomentou ainda mais a vontade de Maxwell em colorir instantaneamente a fotografia. Seus experimentos

se embasavam em capturar a mesma foto três vezes: o preto, o branco e com escalas de cinza, posteriormente colocar um filtro em cada uma delas nas cores: vermelho, verde e azul que ao serem sobrepostas resultava em uma foto colorida. Essa tecnologia é conhecida com RGB (Red, Green and Blue), claro, havia alguns ajustes a serem feitos, algumas cores nessa técnica se destacavam mais que outras.



**Figura 9:** Primeira fotografia colorida, James Clerk Maxwell (1861)  
Fonte: Revista Super Interessante (GIBA, 2015)

Mas precisamos deixar claro aqui que tanto a fotografia preto e branco quanto a fotografia colorida são compostas pela luz. E, essa luz é que dará à imagem contornos, texturas, contrastes, dentre outros. É impossível falar de fotografia e não abordar, mesmo que brevemente, sobre a iluminação.

## 2.5. Iluminação

A iluminação é o elemento mais indispensável para o registro da fotografia. Pois, a imagem fotográfica será formada a partir a exposição a luz, como nas primeiras fotografias registradas, onde uma superfície sensível a luz, era submetida a uma longa exposição para finalmente produzir uma fotografia, no digital essa iluminação é traduzida em números e gravada no CCD (charged couple device) de uma câmera DSLR (digital single lens reflex): e assim se faz uma fotografia.

Distinções semelhantes entre aquilo que vemos e a escala de tons de uma fotografia precisam ser entendidas. Essas diferenças surgem da natureza da luz e do modo pelo qual ela é apreendida por nossos olhos e registrada no filme. Se não formos capazes de reconhecer essas diferenças, ficaremos desapontados com nossas fotos, pois elas

não representarão o objeto conforme o vimos ou pensamos que vimos na hora de fazer a exposição. (ADAMS, 2004, p.25).

Basicamente são utilizados dois tipos de iluminação: a artificial e a natural. Na iluminação natural o sol é o principal fornecedor de luz, fazendo com que o fotógrafo tenha que escolher os melhores horários para fotografar, sendo imprevisível como a iluminação estará no dia em questão. Já na iluminação artificial, dentro de um estúdio, é possível fazer o controle total da luz, como: intensidade, direção e cor.

Principalmente por esse motivo cabe ao fotógrafo se apropriar de todas as funções e possibilidades que a câmera fotográfica oferece para que assim consiga controlar a luz para que possa utilizá-la ao seu favor (ADAMS, 2004). Com o controle da iluminação da imagem é possível dar o sentido desejado para determinado assunto. Assim, o fotógrafo consegue distinguir o que é visto pelo olho humano e o que é capturado pela câmera. A utilização da iluminação na fotografia serve para que ganhem profundidade, sentidos e formas. Outro ponto importantíssimo é que além da iluminação sobre o objeto, caso ele seja uma pessoa, o fotógrafo deve pensar sobre como ela deve se portar diante da câmera, e isso damos o nome de pose.

## **2.6. A Pose**

A pose vai além do conjunto de técnicas para o retrato, sendo elas: sombras, cores, luzes ou ângulos. Ela é capaz de transmitir uma mensagem apenas com gestos humanos. E a pose na maioria dos casos, retrata aquilo que precisa ser visto. Além disso, a pose no retrato é capaz de defender e construir uma mensagem perante à história. Barthes afirma que muitas vezes estamos fazendo poses de forma involuntária, mas que se tornam agradáveis aos olhos, passando uma mensagem pelo retratado ou pela pessoa que retrata:

A foto é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui; pouco importa a duração da transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que partilho com aquele ou aquela que foi fotografado. (BARTHES, 1984, p. 121).

O olhar do fotografado retrata aquilo que é transmitido através da pose ou do que o fotógrafo está retratando através do seu olhar particular perante a câmera. Ambos são capazes de transmitir uma mensagem por sentimentos no presente momento ou acumulado em suas trajetórias. Cada mensagem na sua maneira, sendo assim a pose tem o poder de reforçar ainda mais o que se deseja dizer, assim com Barthes (1984) afirma que o olho tem o poder e a sensibilidade de absorver as emoções na foto retratada.

Nosso trabalho prático será composto por fotografias de retratos, cuja estética visual trabalhada será a colorida com algumas imagens em preto e branco. Para isso buscamos algumas inspirações imagéticas para trabalharmos a mulher na terceira idade através da nossa percepção delas enquanto geradoras de sentimentos pela memória.

## 2.7. Enquadramentos: Planos e ângulos

Os enquadramentos de câmera são famosos por dar sentido e auxiliar na narrativa, seja nas produções cinematográficas na fotografia, a estética produzida em cada enquadramento utilizado cria uma percepção diferente no espectador. Para isso é preciso três elementos básicos: o plano, a altura do ângulo e o lado do ângulo. O que determina o plano que está sendo utilizado em cada cena ou foto é a distância que a câmera está do seu objeto principal, claro sempre levando em consideração o equipamento usado. Abaixo alguns dos planos mais utilizados serão ilustrados.

O primeiro é chamado de “plano aberto”, nele a câmera está distante do elemento, deixando-o totalmente visível e ambientado, ou seja, todo o cenário está aparente.



**Figura 10:** Fotografia Ilustrativa do Plano Aberto

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

Outro plano bastante utilizado é o plano médio, onde o elemento principal fica enquadrado ocupando uma boa parte da cena, e a câmera fica em uma distância média do objeto.



**Figura 11:** Fotografia Ilustrativa do Plano Médio

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

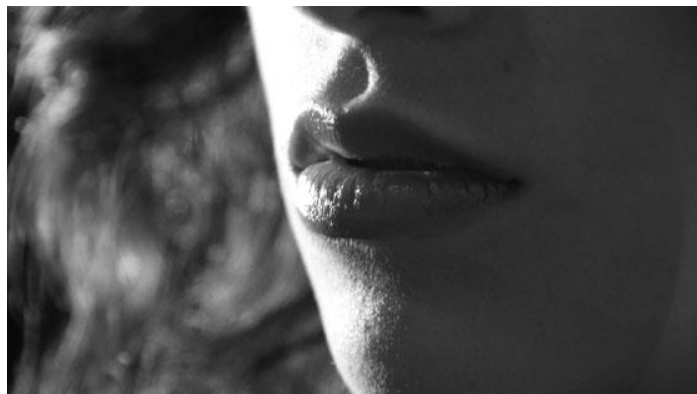
O plano fechado ou close, o objeto principal ocupa maior parte da cena, a câmera fica bem próxima.



**Figura 12:** Fotografia Ilustrativa do Plano Fechado

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

No plano detalhe o elemento como: mão, olhos, boca, entre outros objetos em cena, são colocados em evidência para gerar um tipo de sentido.



**Figura 13:** Fotografia Ilustrativa do Plano Detalhe

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

O plano americano é um dos planos mais utilizados no cinema, nele o personagem é enquadrado do joelho para cima.



**Figura 14:** Fotografia Ilustrativa do Plano Américano

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

Outra forma de produzir sentido são os ângulos. Eles podem ser usados de várias maneiras, as mais comuns são plongée (palavra francesa que significa mergulho) onde a câmera fica acima do objeto voltada para baixo e contra-plongée (contra-mergulho) fica abaixo do elemento voltada de baixo para cima, demonstração abaixo.



**Figura 15:** Fotografia Ilustrativa do Ângulo Plongée

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>



**Figura 16:** Fotografia Ilustrativa do Ângulo Contra-Plongée

Fonte: Primeiro Filme, Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>

Uma forma também muito usada por fotógrafos e cineastas são as linhas guias, conhecidas como a regra dos terços, que são criadas na imagem duas linhas verticalmente e duas horizontais para servir como referência nos posicionamentos dos elementos no cenário em questão. Abaixo um exemplo da técnica:



Figura 17: Fotografia demonstrativa da regra dos terços  
Fonte: <https://omeuolhar.com/artigos/que-regra-tercos>

Alguns equipamentos já contam com as linhas no momento da captura da imagem, porém, fotógrafos geralmente fazem o exercício de imaginar essas linhas mentalmente para harmonizar os elementos na fotografia, visualizando assim os pontos de interesse na fotografia, ou seja, quais são os principais pontos e como deixá-los em destaque.

## 2.8. Inspirações Estéticas Visuais – Referências Imagéticas

As mais diversas produções artísticas utilizam referências para sua construção, seja por meio de algum artista, lugar ou até mesmo nas pessoas do cotidiano. As influências interferem diretamente no produto final de uma criação, e na fotografia não é diferente. A cada geração de fotógrafos existe uma inspiração por meio de trabalhos imagéticos já existentes para a descoberta e criação dos seus próprios estilos.

Um exemplo de estilo e inspiração que foi o pontapé inicial para decidirmos fazer retratos para o fotolivro é o fotógrafo Platon Antoniou. Esse britânico ficou mundialmente conhecido por seus retratos de personalidades como: políticos, líderes religiosos e artistas. Suas obras possuem uma carga de dramatização e sentimento que sobressaem das capas de milhões de revistas que já estamparam seu trabalho.

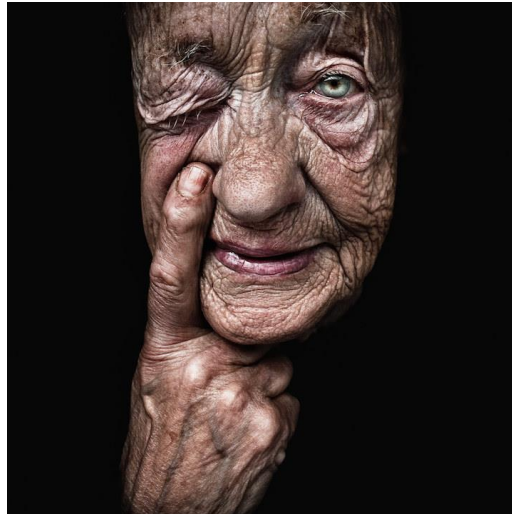
Após anos trabalhando para a British Vogue, Platon recebeu um convite para trabalhar em New York para o John Kennedy Jr. Seu pai, o ex presidente dos Estados Unidos John Kennedy, em sua revista política “George”, pediu para Platon produzir retratos para as revistas

mais famosas dos Estados Unidos, entre elas a revista Wired (ver figura 10), Esquire, Vanity Fair e Rolling Stone. Mas foi na revista Timmes que ele, com suas imagens, ganhou o maior destaque. Em 2007, ao fotografar o primeiro ministro Russo Vladimir Putin, ele ganhou seu 1º prêmio no World Press Photo Contest. No ano seguinte, em 2008, ele assinou um contrato com a Revista The New Yorker, onde permaneceu com os retratos de personalidades e do Exército dos EUA.



**Figura 18:** Capa da revista Wired Stephen HawkingWired  
Fonte: Platon Photo

Mais adiante, após longas pesquisas, descobrimos enfim a nossa principal fonte de inspiração para o nosso projeto prático: o fotógrafo também britânico Lee Jeffries. Ele trabalhava como contador, até que em um dia, ao fotografar a cidade de Londres, ele avistou uma mulher sem-teto que dormia em um saco de dormir em uma das calçadas daquelas ruas. Jeffries não hesitou em fotografá-la, mas ele não esperava que a mulher começaria a gritar quando o viu, foi então que ele percebeu que não conseguiria chegar naquelas pessoas de qualquer forma. Esse foi o primeiro contato com a sua abordagem artística, e desde então ele viaja pelo mundo retratando imagens incríveis de moradores de rua, deixando em evidência toda nobreza em suas obras.



**Figura 19:** Retrato de Lee Jeffries  
Fonte: My Modern Met

Lee Jeffries demonstra em seu trabalho toda a dor, angústias e medo que existem nessas pessoas que não possuem um lugar para dormir, se alimentar, não possuem acesso as coisas essenciais para sobrevivência do ser humano. Com as fotos, Jeffries tenta conscientizar as pessoas da importância de ajudar esses seres humanos retratados a terem uma vida mais digna. Como afirma André Rouillé (2009, p.79), “a fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar.”, assim seguimos para o nosso projeto o fotolivro com mais segurança após pesquisar os diversos trabalhos de Jeffrie, analisando a estética visual e como ele consegue em suas imagens fazer o leitor questionar a si mesmo como é a vida dessas pessoas retratadas.

## 2.9. O Fotolivro

O costume de escrever e ler livros é uma das formas mais antigas de comunicação usadas pelo ser humano. Com o passar do tempo, a forma de impressão foi desenvolvida criando uma série de possibilidades. Um exemplo disso é a impressão de imagens em páginas inicialmente como ilustrações do que estava sendo comunicado pela escrita. A imagem trabalhava junto com o texto.

O livro é expressão do pensamento humano, do desenvolvimento das técnicas e saberes, é uma revolução dirigida ao discurso e à permanência. O livro tem uma existência fundamental na cultura. Suporte de discurso universal, que função teria? Em soma, diminuição ou acréscimo dependendo do público: informar, entreter, documentar, registrar, reunir, mediar autenticar, interpretar, possibilitar, demonstrar, ilustrar, repertoriar, oferecer, divertir, intrigar, sugerir, resgatar, viajar, (des)localizar, fazer refletir (PAIVA, 2010, pg.10)

Com o advento da fotografia, principalmente segundo sua evolução tecnológica, que possibilitou uma relativa acessibilidade do público por meio dos smartphones para as câmeras digitais, o consumo e produção de fotografias cresceram exponencialmente. Segundo Morris (2015), uma pesquisa realizada pela plataforma Google em 2015, aponta que são mais de 400 milhões de usuários ativos mensalmente, postando milhares de fotos por dia em uma das redes sociais mais populares da contemporaneidade: o Instagram, uma rede social criada com essa finalidade.

Chegando a conclusão de que dados apresentados acima somados ao fato da impressão fotográfica, nos levando a crer que ela está cada dia mais escassa. O costume de ter as lembranças em forma de material impresso é substituído por fotos instantâneas visualizadas em telas, ou seja, que podem ser clicadas em grande quantidade, apagadas e substituídas.

Motivadas pelo fato que a impressão está perdendo espaço para as novas possibilidades de visualização de fotografias, optamos por desenvolver um fotolivro em que as imagens deixarão de ser um elemento virtual e passarão a ser o foco principal e impresso. Nele, a linguagem verbal passa a ser desnecessária ou entra como complemento. Com um viés narrativo, o fotolivro tem a intenção de contar uma história sendo ela linear ou não.

O fotolivro por definição é mais do que um livro ilustrado; é resultado de um esforço de um autor na organização de um conjunto de fotografias tendo em mente uma narrativa iconográfica com a iconográfica com o intuito de produzir um discurso visual. Os fotolivros em geral possuem, portanto, um projeto gráfico em sintonia com o material imagético, tornando-se um produto cultural e um modelo de expressão (BARBOSA, 2013, p. 569)

Quando a foto está na mão do espectador, ele tende a prestar mais atenção e demorar mais tempo observando, o que para o fotógrafo é o ideal, pois aumenta a chance de capturar a essência artística e a história que a foto pode passar. Outro ponto importante é sobre as diagramações de fotolivros com intuito de produzir sentidos. Ou seja, a narrativa. Mas para isso, entra a parte do design gráfico. Sim, por ser um projeto gráfico, exige uma atenção especial por parte de quem está editando o livro para contar uma história. Logo, a diagramação do projeto gráfico é de extrema importância para produzir sentido ao fotolivro. Uma parte é de responsabilidade do autor, ou seja, o fotógrafo.

Buscamos redes de relações entre fotografias, textos e outros materiais visuais em que cuja criação o designer gráfico tem papel central. Uma sequência de imagens, o texto que as acompanha, a montagem, a composição e a ordem das páginas, as capas e as sobrecapas, a tipografia, as características materiais do papel e da encadernação, a qualidade da impressão [...] A excelência das imagens uma a uma é importante, as insuficientes. Sabemos que para que haja um bom material são necessárias decisões adequadas de projeto gráfico e edição (FERNÁNDEZ, 2011, p.16).

Ele, o autor, deve ter uma visão ampla, ou seja, deve ver o livro como um todo, cada página deve se complementar para que produza a narrativa desejada. As fotos devem ser editadas e selecionadas de acordo com a intenção do fotógrafo. Já o designer deve ser responsável pela diagramação do trabalho, pois o mesmo tem o conhecimento necessário para conduzir a complexidade da produção gráfica, que boa parte dos fotógrafos não dominam. Sendo assim, a distribuição das fotos, cores, tamanho, gramatura do papel devem ser escolhidos da melhor maneira possível por esse profissional.

Hoje contamos com uma pluralidade de possibilidades quando falamos em impressão gráfica, fazendo com que seja personalizado de acordo com a vontade do consumidor a algumas dessas possibilidades são: capa de revista, principais características desse tipo de fotolivro é o acabamento com grampos (canao), papel couché com gramatura de 150g, esse modelo é ideal para lembranças de casamentos e aniversários, além de catálogos comerciais por sua simplicidade e baixo custo. Outro modelo é o fotolivro com capa mole ou capa dura, gramatura das páginas em 210g com impressão também no papel couché. Um dos mais completos é o fotolivro com capa dura e impressão em papel fotográfico, o que aumenta a qualidade das imagens impressas. Esse modelo é ideal para ocasiões especiais, como casamentos, pois seu acabamento agrega valor à produção.

### 3. O PRODUTO: FOTOLIVRO – RETRATOS DE FRAGMENTOS E MEMÓRIAS

Enfim chegamos ao produto final deste trabalho de conclusão de curso: um fotolivro cujo título é “Retratos de Fragmentos e Memórias”. Esse tipo de expor as fotografias é o meio que escolhemos para materializar os ensaios imagéticos que fizemos durante o primeiro semestre de 2019. Essas narrativas visuais têm como personas mulheres da terceira idade.

Dividimos esse capítulo em algumas partes que melhor traçarão aqui todo o nosso trajeto para a realização desse editorial. Um dos objetivos é fotografar mulheres com memórias e vivências memoráveis, com a intenção de retratar a importância que cada uma delas carrega em si, através das marcas fragmentadas em suas peles, expressões faciais e corporais.

As fotografias impressas em páginas sequenciais, como um fotolivro, foram a forma que encontramos para buscar prender a atenção do observador. Assim, em seu tempo particular, esse observador possa olhar as fotos como a vivência dos seus próprios álbuns de família, no qual o tempo de observação e interpretação é maior para absorção da mensagem. Cada observador tem o seu repertório cultural, uma estrada longa vivida subjetivamente.

O produto desse trabalho de conclusão de curso passou por algumas etapas. Essas etapas iremos descrever dentro de três processos: pré-produção, produção e pós-produção. E, em cada uma delas, sintam-se como se estivesse lendo um diário, pois ali colocamos nossas experiências vividas para a realização do fotolivro.

#### 3.1. Pré Produção – O Ponto de Partida

O primeiro passo para a produção desse trabalho foi a escolha do tema e do público que queríamos trabalhar. Muito mais do que um trabalho de conclusão de curso, queríamos valorizar um público muitas vezes esquecido, as mulheres acima dos 60 anos. O processo artístico e a vontade de mostrar a incrível história de vida dessas mulheres, foi a inquietação que nos motivou a usar esse público. A maneira de demonstrar toda essa sensibilidade foi a fotografia, que por si só já é capaz de proporcionar milhares maneiras de interpretações.

Fizemos um *casting*<sup>1</sup> de 10 mulheres e as convidamos para fazer parte desse projeto. O convite foi feito individualmente, na residência de cada uma delas, onde já estreitamos o relacionamento e aproveitamos para conhecer um pouco mais da história dessas senhoras. Foi um momento de proximidades e ensinamentos indescritíveis, pois elas reagiram ao convite com surpresa e um pouco de receio e timidez. Sempre explicamos do que se tratava o nosso tema e ela aceitaram.

---

<sup>1</sup> Expressão usa para designar a seleção de modelos, de acordo com as características desejadas.

O equipamento foi revisado e preparado para que estivesse devidamente ajustado para o momento do ensaio, as baterias foram carregadas, cartão de memória limpo, além do estúdio devidamente limpo. Esses cuidados foram de extrema importância para que não pudesse ocorrer nenhum imprevisto na hora do ensaio.

### 3.2. Produção – Ensaios Fotográficos

Chegou o dia do ensaio e ele foi produzido unicamente no estúdio fotográfico da instituição de ensino Uni-ANHANGUERA por duas vezes. O primeiro ensaio foi realizado com 6 (seis) das 10 (dez) modelos, no dia 28 de fevereiro de 2019, e o segundo no dia 19 de março de 2019 com as 4 (quatro) últimas modelos.

O cenário escolhido foi um fundo infinito preto. Esse ambiente foi escolhido pelo controle da iluminação que teríamos, o que deixaria o processo de pós-produção uniforme. A luz artificial possibilitou um padrão e uma manipulação melhor, diferentemente da luz natural que seria imprevisível. Em todas as fotos, conseguimos a mesma intensidade de luz e modificar a posição do equipamento para que déssemos a dramatização necessárias.

O equipamento utilizado foi uma câmera DSLR no modelo Canon EOS T5i, lente EF 18-55mm, uma iluminação *hazy light*<sup>2</sup> posicionada no ângulo de 45 graus. Em seguida, as modelos foram acomodadas em um banco modelo banqueta sem encosto para que elas pudessem se sentir mais livres, mesmo estando em um ambiente incomum à elas e, também, para que pudessem se soltar melhor diante da câmera, já que para elas era a primeira vez que tiveram essa experiência.

Convidamos uma a uma a se sentar na cadeira e conversamos com elas sobre como estavam naquele momento, como estava sendo a experiência, além de brincar com elas na intenção de deixa-las à vontade. Aos poucos falávamos algumas frases para tentar deixar o ensaio fotográfico mais tranquilo e, assim, poderíamos captar a essência de cada uma através da fotogenia. Algumas frases como: “a senhora não é séria assim!” ou “pense nos momentos mais felizes da sua vida”, dentre outras que conseguíamos deixá-las mais tranquilas. No processo também fomos mostrando as fotos para elas de como estavam ficando, e foi incrível ver o sorriso no rosto de cada uma ao ver a sua imagem na câmera.

---

<sup>2</sup> Equipamento de iluminação difusor de luz, para flash.



**Figura 20:** Fotografia do Making of do ensaio fotográfico

Aconselhamos as modelos a usarem suas próprias roupas, de preferência claras para contrastar com o fundo escuro. Acessórios e maquiagem, também ficaram à escolha das fotografadas para que assim elas fossem elas mesmas. Naquele momento gostaríamos que elas estivessem mais à vontade possível com a situação, para que assim pudéssemos capturar a essência delas.

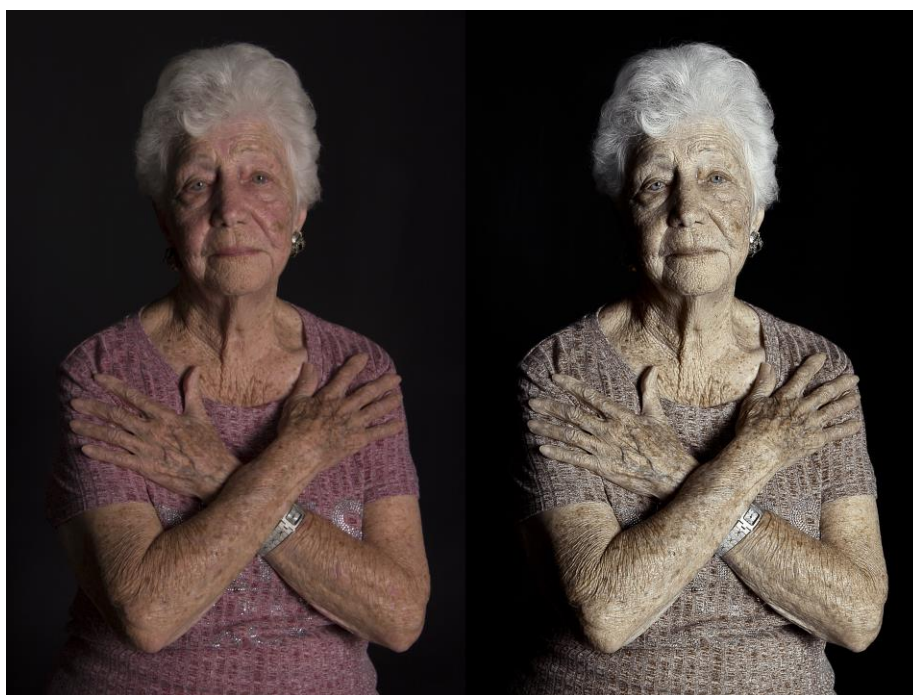
Fizemos uma média de 30 fotografias de cada modelo em ângulos e posições diferentes, mas nós optamos por utilizar as que tiramos na mesma altura (câmera em relação à modelo), ou seja, na altura dos olhos, mudando apenas os planos, entre: Plano Médio, Primeiro Plano, Plano Americano e Plano Fechado. Estes já foram explanados no capítulo 2.

A média de duração dos ensaios foi de 1 hora e 30 minutos, onde ambientamos as modelos no primeiro momento, e convidamos uma a uma para começar o ensaio, enquanto as demais aguardavam sentadas na lateral do estúdio.

### **3.3. Pós-Produção – Edição das Fotografias**

Na pós-produção foi utilizado basicamente dois *softwares* de edição e tratamento de imagem: o *Adobe Photoshop* e *Adobe Lightroom*. O primeiro passo foi fazer o recorte da imagem para posicioná-la de maneira que a modelo ficasse alinhada, usando a regra dos terços, essa regra foi abordada no capítulo 2, essencial no estudo para que pudéssemos enriquecer o enquadramento final das fotografias.

Após o posicionamento das modelos no enquadramento, começamos a ajustar as cores da imagem. Inicialmente reduzindo os tons amarelados e tirando uma boa parte da saturação, sem tirar totalmente a cor da fotografia. Utilizamos também um mapa de degradê com tons marrons e laranja, deixando com aparência envelhecida na imagem fotográfica. Outra modificação feita foi uma das mais importantes para o processo de tratamento, o HDR (*High Dynamic Range*). Essa ferramenta é utilizada para dar maior nitidez na imagem e, nesse caso, usamos para deixar ainda mais forte as marcas na pele das modelos, dando uma carga dramática que buscávamos para o resultado final. Usamos também o *Adobe Lightroom*, para finalizar com alguns ajustes de iluminação e para deixar o fundo das fotografias ainda mais escuro, pois o objetivo das fotos é ressaltar as personas, como se elas estivessem num palco de teatro, no palco da vida!



**Figura 21:** Leda de Souza Maia  
Antes e depois do tratamento da imagem

### 3.3.1. Layout e Montagem do Fotolivro

Após todo o aprendizado e o crescimento pessoal que adquirimos ao longo do processo de escrita e com o contato com essas mulheres que nos inspiraram de maneira tão profunda, a materialização desse projeto em forma de livro é algo que acreditamos ser a melhor maneira e mais significativa que possamos fazer para que essas histórias e pessoas tão importantes sejam eternizadas.

Para iniciar o projeto gráfico, utilizamos o programa de edição chamado Adobe Illustrator, um dos melhores programas para se produzir designer para impressão. Abrimos 13

pranchetas de trabalho com as dimensões de 40 cm x 27 cm, mudamos a cor do fundo original de branca para preta e importamos as 10 fotos selecionadas e editadas do ensaio que fizemos das senhoras.

Colocamos uma a uma em sua prancheta e posicionamos de acordo com a posição e o ângulo que estavam olhando, para que sempre seus olhares fossem direcionados para o interior do livro e para suas próprias histórias de vida. Após a finalização desse processo de posicionamento das imagens, começamos a redigir suas histórias que estão presentes no 1<sup>o</sup> capítulo desse trabalho, no espaço ao lado da fotografia. A fonte utilizada no processo de escrita, foi a Albertsthal Typewriter no tamanho 16 e com variação de tamanho no título <sup>42</sup>, o critério para escolha da fonte foi a aparecida de tipografia das máquinas de escrever, objeto que carrega uma simbologia clássica que fazia parte do cotidiano dessas mulheres na juventude.

A impressão foi realizada em uma gráfica especializada em impressão digital no papel couché 120g, montamos o mesmo de maneira totalmente manual, ou seja, refilemos, vincamos e colamos todas as partes desse trabalho manualmente, para que a experiência fosse completa e surpreendente. Produzimos cada detalhe desse trabalho, pois para nós era de tamanha importância viver todas as etapas da produção do nosso trabalho.

Layout do fotolivro:

# Retratos de Fragmentos e Memórias



Vocês já pararam pra pensar sobre a jornada da vida? Aquela que possui começo, meio e fim? Nós sim. E pensando nessa trajetória que decidimos contar para vocês sobre uma das fases mais belas da vida, aquela que muitas vezes esquecemos de contar e ficam apenas em fotografias. Nosso fotolivro deseja trazer uma reflexão sobre a vida, você está preparada(o) para envelhecer? Qual a sua melhor história sobre sua passagem por aqui? Te convidamos a refletir, com todo sentimento nas histórias que contaremos aqui!

Por: Aline R. Maia & Ana Raquel dos Santos



Um fotolivre nada baseado em "Era uma vez...",  
aqui serão encontradas histórias reais de  
pessoas reais com os fragmentos e memórias  
em formatos de cicatrizes feitos pela jornada  
chamada vida.

A portrait of an elderly woman, Sebastiana Rosa Ataides, with short brown hair, looking slightly to the right. She is wearing a white short-sleeved shirt with a colorful floral pattern. The background is dark and out of focus.

Sebastiana, aos 71 anos de idade apresenta seus fragmentos e memórias um relato emocionante: "minha história ou minha trajetória de vida começa em 1948, em Ipameri, cidade do interior de Goiás. Sou filha de Manoel e Lourdes. Meu pai era ferroviário e minha mãe dona do lar com 6 filhos para criar. Por sofrer com o alcoolismo do meu pai fui obrigada a fugir de casa e trabalhar na cidade vizinha na casa de uma família rica, aos 11 anos de idade, e lá eu era tratada como escrava. Até que um dia fui para Ivollândia-GO, onde tive uma oferta de emprego como professora. Lá fiz curso didático e passei. Logo em seguida, prestei um concurso do Estado e passei em 1º lugar. Conheci meu marido nesse meio tempo e tive 3 filhos e 2 netos que são minha paixão, não foi fácil, mas superei todos os obstáculos e hoje sou extremamente feliz ao que a vida me deu."

Sebastiana Rosa Ataides - 71 anos

Ivomerce casou-se aos 16 anos. Na juventude tinha cabelos compridos e lisos, e era o que mais gostava em si na sua adolescência. Sempre foi uma pessoa muito sonhadora e alegre. É fácil perceber sua alegria, pois transborda com facilidade através de seu sorriso. Mas, como nem tudo são flores, Ivomerce apesar de muito sorrir já teve uma inimiga chamada depressão, que às vezes começa a dar sinais, mas que imediatamente é tratada.

Apesar das batalhas cotidianas e da vida de mãe de 3 filhos, ela sempre buscou sua independência e sua identidade. Consultora da Natura há mais de 12 anos, ela comprou seu próprio carro. E, com a força e vontade de ser feliz, muitas vezes ela ultrapassou barreiras e não deixou em momento nenhum que se escondesse o sorriso e a vontade de viver.

Ivomerce Castro de Oliveira – 75 anos



Élida nasceu em Monte Alegre, uma cidadezinha pacata no triângulo Mineiro. Uma frase que arranca sorrisos dela é quando fala: "foi uma infância boa demais da conta!". Tem 8 irmãos: 4 mulheres e 4 homens. Ela teve uma vida simples, e é grata pela sua história de uma vida feliz na fazenda, onde brincava e ria muito com os seus irmãos que quase nunca brigavam. Élida e seus irmãos se mudaram para Goiânia para terem a oportunidade de estudar. Seus pais eram sua maior inspiração, pois nunca presenciou nenhuma briga deles.

Grata por cada etapa de vida, seja na infância, na adolescência ou na fase adulta, Élida deixa claro que não tem nada do que reclamar, e sim agradecer. É mãe de 3 filhos, e tem um casamento feliz com um homem que sempre se esforçou para dar o melhor para sua casa. Ela ainda o ama como no primeiro dia em que se conheceram. Hoje, aos 74 anos, seu hobby é ajudar na assistência social. Uma pessoa iluminada!

Élida Vieira da Silva – 74 anos



Martha é uma inspiração no quesito moda: muito bem vestida e com acessórios de impressionar muita garotinha por aí. Mas, muito mais que isso, ela foi uma inspiração para a realização deste trabalho de esforços e estudos constantes. Hoje, aos 77 anos tem uma carreira sólida no serviço público, e ainda trabalha na Secretaria da Educação. De 4 em 4 anos ela sente prazer em trabalhar para a campanha de deputado federal do Estado de Goiás de seu filho Armando Virgílio.

O seu maior motivo de orgulho sempre foi o seu ofício profissional e, acima de tudo se sentir útil. E é isso que a motiva a viver. Mãe de 4 filhos, Martha mora sozinha em seu apartamento e gosta assim, mas não dispensa os cuidados dos netos para as idas aos médicos ou levar o carro dela para a revisão. E, claro, lotar a casa com os 9 bisnetos aos finais de semana. Ah, sem contar que além disso tudo, ela adora molhar os pés na água salgada do mar.

Martha da Silva Santos – 77 anos

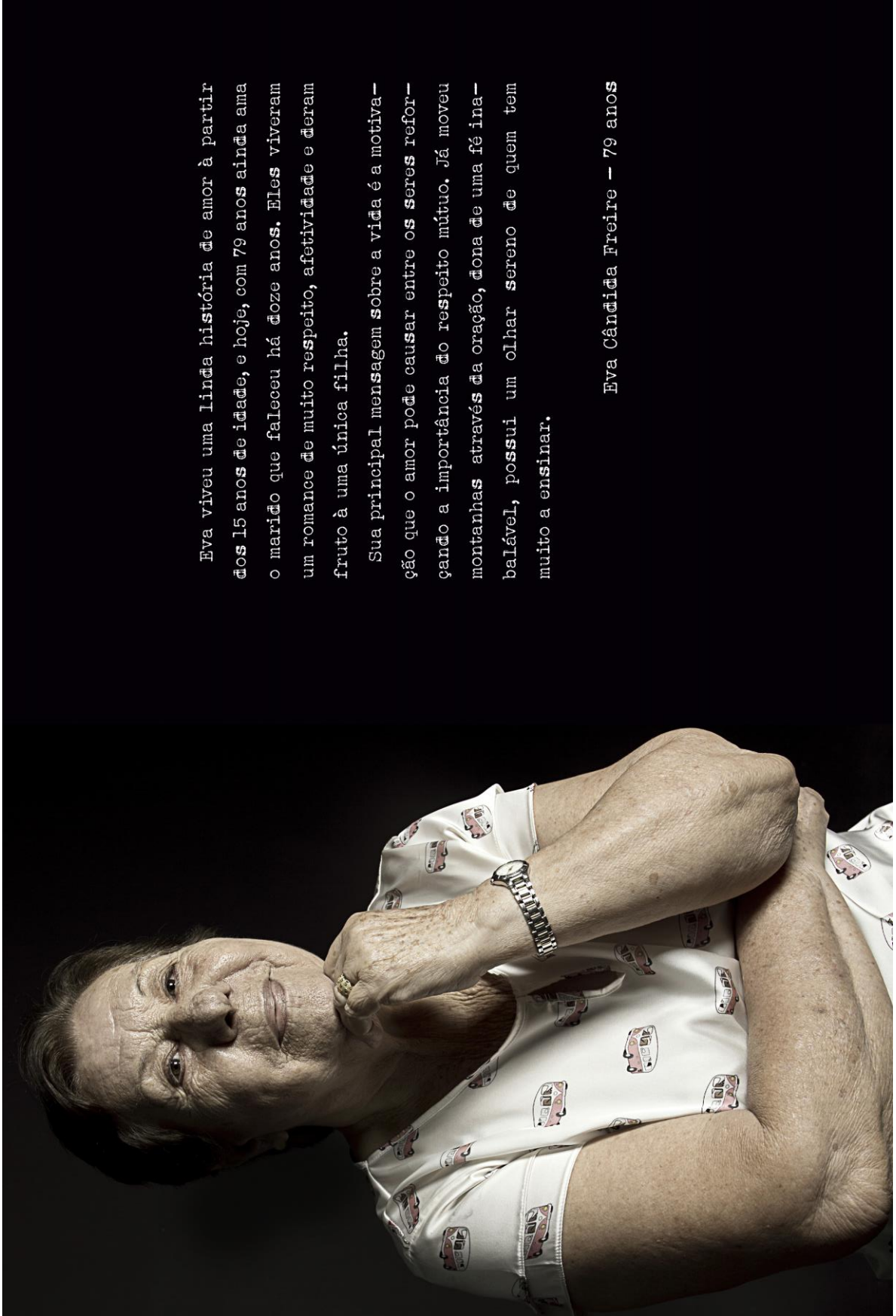




Leda é uma boa representação dos fragmentos da memória, ela foi criada na cidade de Pontalina no estado de Goiás, pelos os seus pais e mais 9 irmãos. Sempre foi uma mulher séria, de poucas palavras, mas com um olhar doce em sua juventude. De uma família simples e muito afetuosa, Leda se casou muito nova e teve 3 filhos.

Morou muito tempo na fazenda e, apesar da boa vida financeira tornou-se uma mulher ainda mais calada e triste, ferida emocionalmente por um companheiro de difícil convivência que transformou seu olhar doce em um olhar distante. Hoje, carrega em si as marcas de uma vida que não arancou sorrisos fáceis e a dor na alma de um sofrimento de 50 anos de casamento.

Leda de Souza Maia - 85 anos



Eva viveu uma linda história de amor à partir dos 15 anos de idade, e hoje, com 79 anos ainda ama o marido que faleceu há doze anos. Eles viveram um romance de muito respeito, afetividade e deram fruto à uma única filha.

Sua principal mensagem sobre a vida é a motivação que o amor pode causar entre os seres reforçando a importância do respeito mútuo. Já moveu montanhas através da oração, dona de uma fé inabalável, possui um olhar sereno de quem tem muito a ensinar.

Eva Cândida Freire – 79 anos

Maria Isabel com 67 anos é uma história de superação. Com um pai rígido que não desejava filhos do sexo feminino, era tratada com muito desprezo. Se casou aos 20 anos e era completamente apaixonada pelo seu marido. Mas, as traições dele eram contínuas, muitas vezes eram as amantes que iam buscá-lo em sua própria casa, trazendo muita humilhação para vida de Maria. Eles tiveram 2 filhos e ela foi abandonada pelo seu marido na gestação do segundo, fazendo com que ela trabalhasse durante toda a gravidez na cozinha de um bar para sustentar seus filhos. Após tanta luta, Maria Isabel teve que voltar para a casa dos seus pais, passou a morar no lote, dividindo o mesmo quintal. Então foi aí que ela e seus filhos começaram a ser maltratados e humilhados, e como se não bastasse, era obrigada a escutar que seu ex-marido espalhava para a vizinhança, que os filhos dela não eram dele. Algum tempo depois, Maria Isabel teve sua recompensa: conheceu um homem que mudou sua história, se casou novamente e foi muito feliz com o amor da sua vida. Ele amou não só a ela, mas aos seus dois filhos até o dia da sua morte, há 16 anos.

Maria Isabel de O. S. Costa – 67 anos



Irany é mulher muito diferente dos padrões sociais desde sua juventude. Independente e muito esforçada, ela criou sozinha sua única filha. Ainda hoje, Irany carrega consigo uma alma jovem e leve.

Ela realmente é uma inspiração para pessoas idosas que sonham em voar após dos 60 anos. A televisão, o aparelho celular e as duas caadelas Frida e Amora ajudaram Irany a parar de fumar após 45 anos de vício. Ela diz que está aberta para relacionamentos, pois o que move a vida são as novas experiências que cada etapa da vida pode proporcionar.

Irany Ribeiro da Silva – 75 anos



Dolores cativa à todos por onde passa com seu jeito "sapeco". Ela sempre foi muito esforçada: estudou e trabalhou muito para criar seus filhos. É a matriarca de uma família grande composta por 6 filhos, 18 netos, 14 bisnetos e 2 tataranetos. Sua maior riqueza é a família, eles são sua maior motivação para viver e ser feliz. O mesmo motivo que alegria é o que lhe traz dor, a perda de um filho que marcou a sua vida para sempre. Ele, aos 33 anos, pai de 4 de seus netos morreu em um acidente de carro, o que ainda é uma dor irreparável para ela, ela. Esse acontecimento lhe causa muita tristeza e um semblante e olhar extremamente machucados.

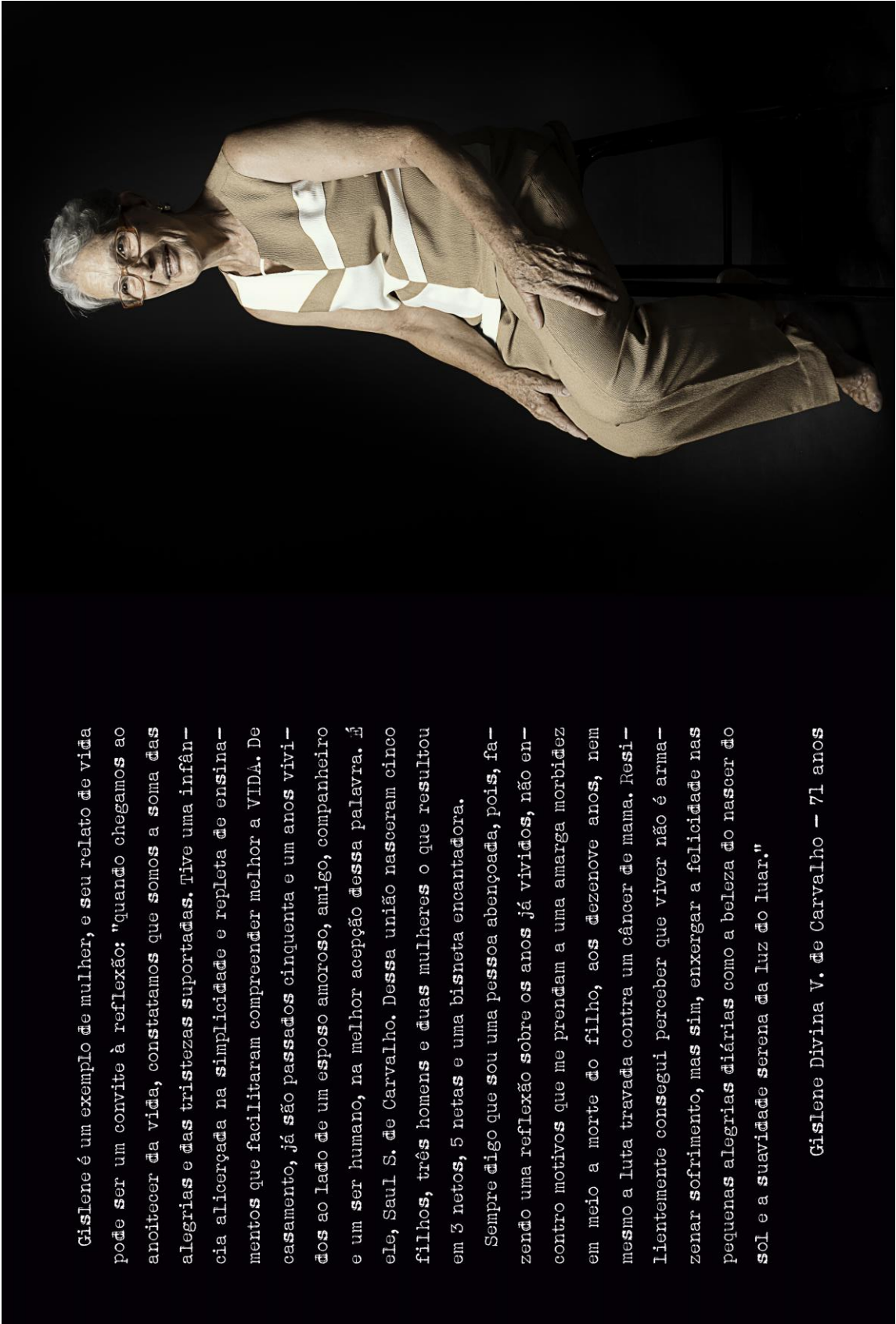
Dolores Gonçalves da Silva – 73 anos



Cislene é um exemplo de mulher, e seu relato de vida pode ser um convite à reflexão: "quando chegamos ao anoitecer da vida, constatamos que somos a soma das alegrias e das tristezas suportadas. Tive uma infância alicerçada na simplicidade e repleta de ensinamentos que facilitaram compreender melhor a VIDA. De casamento, já são passados cinquenta e um anos vivos ao lado de um esposo amoroso, amigo, companheiro e um ser humano, na melhor aceção dessa palavra. É ele, Saul S. de Carvalho. Dessa união nasceram cinco filhos, três homens e duas mulheres o que resultou em 3 netos, 5 netas e uma bisneta encantadora.

Sempre digo que sou uma pessoa abençoada, pois, fazendo uma reflexão sobre os anos já vividos, não encontro motivos que me prendam a uma amarga morbidez em meio a morte do filho, aos dezenove anos, nem mesmo a luta travada contra um câncer de mama. Resilientemente consegui perceber que viver não é armazear sofrimento, mas sim, enxergar a felicidade nas pequenas alegrias diárias como a beleza do nascer do sol e a suavidade serena da luz do luar."

Cislene Divina V. de Carvalho – 71 anos



## CONCLUSÃO

Chegar ao final de um trabalho é sempre muito gratificante, mas nesse tivemos muito mais do que a realização pessoal, ganhamos empatia, conhecimento e esperança. Aprendemos muito sobre a fotografia, sua história e a produção de materiais utilizados para impressão de um fotolivro. Além disso, conhecemos um pouco mais sobre o retrato, sua importância e relevância para as memórias que construímos e registramos.

O tema abordado “Retratos de Fragmentos e Memórias” utilizando referência a mulher da terceira idade foi escolhido com o propósito de valorizar todas que em alguma parte de sua velhice se sentiram esquecidas ou desvalorizadas, gostaríamos de dividir a importância da sensibilidade humana, que anda tão perdida em meio aos tempos atuais. Gostaríamos de concluir o nosso curso sendo mais que profissionais da área de Publicidade e Propaganda, queremos deixar uma mensagem de carinho e reflexão para todos que irão ler este trabalho.

A velhice é a fase maravilhosa, onde temos milhares de possibilidades, quando jovens somos tão cheios de obrigações, de cobranças, que não nos damos o direito de olhar o quanto o céu está bonito. Vivemos em uma corrida contra o tempo, inventada por uma sociedade cada vez mais doente de obrigações, onde envelhecer é sinônimo de inutilidade, onde pessoas perdem suas habilidades e independência, uma fase da vida criada e até mesmo esquecida em nossa mente.

Chegando no final desse trabalho, tivemos uma reflexão muito importante “se você ama uma pessoa, você está disposto a amar a “inutilidade” dela sem que ela deixe de ter o seu valor?” , quando ficamos velhos somos um amontoado de fragmentos e memórias, alguns muito felizes e outros dolorosos. Por isso, esteja disposto a construir boas memórias, tenha alguém que lhe ame na sua velhice, que escute as suas histórias com paciência e amor.

Esperamos que esse momento de leitura do nosso trabalho tenha sido de grande reflexão para você. Esperamos de coração que esse trabalho te motive a agregar muito mais memórias do que fragmentos. Em um mundo onde o espanto e a indignação estão se sobressaindo, desejamos muita esperança para sua velhice, que ela tenha cheiro de café coado e abraço de criança. Agradecemos por dividirem tantas histórias lindas conosco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, A. **O Negativo**. ed. SENAC, 2004. 25 p.

ANDRADE, R. **Fotografia e Antropologia; olhares fora-dentro**. ed. Estação Liberdade: EDUC, 2002. 34 p.

ANTONIOU, P. Platon Photo. Disponível em: <<http://www.platonphoto.com/gallery/noted-tearsheets/wiredukstephenhawking/>>. Acesso em: 22 setembro 2018.

BARBOSA, Carlos A.S.. **Fotolivros e História Comparada da Fotografia na América Latina: Reflexões teóricas e possibilidades de investigação. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina, Mai 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Carlos%20Alberto%20Sampaio%20Barbosa.pdf>>. Acesso no dia 22 de setembro 2018.

BARTHES, R. **A câmera clara**. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 121 p.

BRUM, E. **Me chamem de velha**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>>. Acesso em: 04 de abril 2019.

CERVATO, A. M.; DERNTL, A. M.; LATORRE, M. R. O; MARUCCI, M. F. N. **Educação nutricional para adultos e idosos: uma experiência positiva em Universidade Aberta para Terceira Idade**. Revista de Nutrição, 41-52 p.

DESCONHECIDO, Barron stop advisory teams summit; Keynote Speaker. Disponível em: <<https://www.barrons-teams.com/platon-antoniou.html>>. Acesso em: 04 novembro 2018.

DESCONHECIDO, **Só Física: Virtuoso Tecnologia da Informação**. Disponível em: <<https://www.sofisica.com.br/conteudos/Biografias/Maxwell.php>>. Acesso em: 04 novembro 2018.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Estúdio Nobel. SESC, 1994. 30 p.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular** ed. Perspectivas – São Paulo: Perspectiva, 2001. 132 p.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, Nicéphore Niépce. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Nicephore-Niepce>>. Acesso em: 20 setembro 2018.

FERNÁNDEZ, Horácio. Fotolivros latino-americanos. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FOTOGRAFIA PARA TODOS. A invenção. Disponível em: <<http://www.fotografiaparatodos.com.br/fotografia/?p=37>>. Acesso em: 07 setembro 2018.

GIBA, V. **Quando foi tirada a primeira foto colorida?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quando-foi-tirada-a-primeira-foto-colorida/>>. Acesso em: 04 novembro 2018.

GRANGEIRO, C. **As Artes de um Negócio: no mundo da técnica fotográfica do século XIX.** rev. Brasileira de História, São Paulo, vol. 18, n. 35, p.3/8, Julho, 2018.

IBGE, Pesquisa por sexo e grupo de idade, Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>>. Acesso em: 5 de abril 2019.

JEFFRIES, L. <<https://mymodernmet.com/lee-jeffries-homeless-portraits/>>. Acesso em: 04 novembro 2018.

KOSSOY, B. Fotografia & História. ed. rev. São Paulo, 2001, 44 p.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração - a família: santuário ou instituição sitiada?**. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1991.

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. Impressionismo. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/expressionismo/>>. Acesso em: 22 setembro 2018.

MILOSEVIC, N. Lee Jeffries Photography. Disponível em: <<https://www.widewalls.ch/artist/lee-jeffries/>>. Acesso em: 04 novembro 2018.

MURALHA, F. Citalia Restauro. Disponível em: <<https://citaliarestauro.com/joseph-niepce-primeira-fotografia>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

PAIVA, W. **Os sentidos do envelhecer: memórias e identidades de idosas.** São João del-Rei: UFSJ, 2011. 24-25 p.

PAPALÉO NETTO, M. **O estudo da velhice no séc.XX: histórico, definição do campo e termos básicos.** In: FREITAS, E. et al.(Orgs.). Tratado de geriatria e gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002. p. 2-12.

PONT GEIS, P. **Atividade Física na terceira idade: teoria e prática** – 5 a ed. Artmed. Porto Alegre, 2003.

WANDERLEY, A. **Cartões de visita – cartes de visite.** Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3873>>. Acesso em: 13 setembro 2018.

Cartas escritas por algumas das modelos fotografadas:

Minha História ou  
Minha trajetória de vida  
Eu Sebastiana Rosa Ataides  
Nasci em Ipameri GO. no  
ano de 1948. Hoje com 71  
anos de idade. Filha de  
Manoel Rosa de Oliveira e  
Rourdes Silva de Oliveira.  
Meu pai era ferroviário  
minha mãe dona do bar.  
com 6 filhos para cuidar.  
Eu a mais velha dos irmãos.  
Com sete anos fomos para es-  
cola éramos muito unidos  
quando criança, até certo  
tempo. Já com 11 anos  
fui trabalhar de babá para  
ajudar no sustento, da casa.

Carta escrita por: Sebastiana Rosa Ataides (1ª parte)

na cidade de Ipameri.  
 O tempo foi passando,  
 fei com vinte anos fui  
 passear na cidade de Ivolân-  
 dia com minha avó mater-  
 na na casa de meus tios,  
 lá tive uma oferta de empre-  
 go em Ivolândia, de professora.  
 fiz um curso de didática e  
 passei. Logo em seguida, pres-  
 tei concurso do Estado, do  
 qual passei em 1º lugar entre  
 imediatamente fui nomeada  
 efetiva. Logo me casei  
 com um rapaz de ~~10~~ filho  
 da cidade, em 25 de julho  
 de 1999. no começo não foi  
 muito fácil, superei todos  
 os obstáculos de um casal  
 tive 3 filhos que são  
 minha paixão, e dois  
 netos, que são minha vida  
 todos já casados ~~que~~  
~~são~~ o mais velho é homem  
 e duas filhas mulheres

Eu tenho 67 anos.  
 nasce no setor Jardim Chavieir  
 hoje é a lenda certa no posto de  
 gasolina, com a V.B.  
 lá era uma tirucão de  
 areia. Porque lá era só,  
 breja. O patrão do meu pai  
 era, o senhor Chavieir, era, lá  
 era uma fazenda.  
 Meu pai era muito rizado.  
 ele não gostava de filha mulher  
 tenho um casal de filha  
 carei com 20 anos, eu amava  
 locamente o meu marido, ele  
 era muito mulhezeiro, lá  
 amante dele ia em minha casa  
 e buscava e ele ia com ela  
 eu ficava chorando.  
 Ele mim amilhava muito,  
 dizendo que eu era bilhete  
 corrido, ele me abandonou  
 grávida do meu segundo filho  
 trabalhei a gravidez toda  
 em um bar, na praia do,  
 sigano, na cozinha sozinho,  
 fazendo tira gosto e lavando  
 do loucos.  
 Meus vizinhos encontraram o  
 e falaram como, você de iscar  
 a sua mulher grávida,

Para escapar ele mim calunio-  
 ra dizendo que o filho não era  
 dele. Meu filho nasceu muito,  
 doente com bronquite asmático  
 tinha uma amiga que olhava  
 ele para mim, quando ele não  
 estava no espita. Porque ele mama-  
 va nele e ele tinha uma filha  
 da mesma idade dele.  
 um amigo dela me viu quando  
 eu fui buscar o meu filho  
 e parou a gostar de mim  
 e disse a ele que falasse  
 10 | Maria Isabel de  
 Domingo  
 Olinda Silva certa -  
 Abril 2016

comigo e ela mim disse que ele  
 estava gostando de mim, eu  
 disse que eu tinha o filho que ele  
 tinha que gostar dele.  
 ele veio com netos comigo e eu  
 disse-lhe que eu morava no quinto  
 al-do meu pai porque eu o respeitava  
 muito - ele vai e falou com eles -  
 pagou o meu divórcio - caramos  
 tive uma vida de rainha meu  
 filho tinha pedido de riquinho.  
 Porque ele era fazendeiro. fiquei  
 o por lá porque paguei a minha  
 família toda. tem 16 anos que ele  
 morreu.

Carta escrita por: Maria Isabel de O. Silva

Quando chegamos ao anoitecer da vida, constatamos que somos a soma das alegrias vividas e, das tristezas suportadas.

Quise uma infância abençoada na simplicidade e repleta de ensinamentos que me facilitaram compreender melhor a VIDA.

De casamento, já são passados cinquenta e um anos, vivido ao lado de um esposo amoroso, amigo, companheiro e, ~~um~~ <sup>um</sup> ~~aquele~~ <sup>aquele</sup> ser humano, na <sup>melhor</sup> ~~aceitação~~ <sup>aceitação</sup> dessa palavra. É ele, Saul Sebastião de Carvalho. ~~Por Por~~ Desses uniu-nos nasceram cinco filhos: três homens e duas mulheres. o que resultou em ~~três~~ <sup>três</sup> ~~netos~~ <sup>netos</sup> e cinco netas e uma bisnetinha encantadora.

Sempre digo que sou uma pessoa abençoada, pois, fazendo uma reflexão sobre os anos já vividos, não encontro motivos que me prendam a uma amarga morbidez, nem mesmo a morte de um filho, aos dezanove anos, ~~nem~~ <sup>mesmo</sup> a luta travada contra um câncer de mama. Posso dizer que não existem pesares. Resilientemente, consegui perceber que viver não é armazenar sofrimentos, mas sim, enxergar a felicidade nas pequenas alegrias diárias, como <sup>a felicidade</sup> ~~as~~ máscaras de sol e a suavidade <sup>sempre</sup> ~~do~~ <sup>da</sup> luz. ~~do luar~~ <sup>do luar</sup>. É assim que <sup>sempre</sup> ~~me~~ <sup>posiciono</sup> ~~desafio~~ <sup>desafio</sup> que se apresentam ~~em~~ <sup>na</sup> minha vida ~~sempre~~.



<sup>sempre</sup> ~~me~~ <sup>impõe</sup> ~~nestes~~ <sup>nestes</sup> ~~setenta e~~ <sup>setenta e</sup> ~~um~~ <sup>um</sup> ~~ano~~ <sup>ano</sup>.

MONOKURO BOO

Scanned with

Gislene Divina Vieira de Carvalho